



**Universidade Eduardo Mondlane**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Ciência Política e Administração Pública**

**Licenciatura em Ciência Política**

**Terrorismo em África: uma análise da Nigéria, Somália e Moçambique (2002-2021)**

**Licenciando:** Lemos Samuel Macuácuá

**Supervisor:** Sérgio Chichava

Maputo, Janeiro de 2023

## Índice

<b>DECLARAÇÃO DE HONRA .....</b>	<b>i</b>
<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>ii</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>iii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS .....</b>	<b>iv</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>v</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1.2. Delimitação Espaço-temporal .....	2
1.2 Contextualização .....	2
1.3 Problema de Pesquisa.....	4
1.4 Justificativa do Tema .....	5
1.4.1 Objectivos: .....	6
<b>2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1. Conceitos .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1.1. Terrorismo.....</b>	<b>7</b>
<b>2.2. Revisão da Literatura.....</b>	<b>11</b>
2.2.1. África Subsaariana e o Terrorismo.....	11
2.3. Enquadramento Teórico .....	13
2.4 Método Comparativo.....	14
2.4. Teorias explicativas do conflito .....	15
2.4.1. Teoria Psicológica da Agressão .....	15
Teoria da Frustração-Agressão.....	15
<b>2.5. Método de Comparação .....</b>	<b>17</b>

2.5.1 Projeto de Sistemas Mais Semelhantes (do inglês Monst Similar System Design) .....	17
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
3.1 Diferentes abordagens sobre as causas do Terrorismo.....	19
3.2 Leitura das origens do terrorismo a partir de Moçambique .....	22
3.2.1. Terrorismo em Moçambique e sua relação com Democracia, Participação e Representação Política .....	26
<b>4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>27</b>
4.1 Apresentação e comparação dos grupos terroristas.....	27
4.1.1 Boko Haram .....	27
4.1.2 Recrutamento e razões para luta dos que se juntam ao movimento .....	31
4.1.3 Combatentes Efectivos .....	32
4.1.4 Financiamento .....	32
4.1.5 Armamento.....	33
4.1.6 Tentativas de combate ao Boko Haram.....	34
4.1.7 O Boko Haram e a ligação com o Estado Islâmico .....	34
4.1.8 Modus operandi.....	34
4.2 Al-Shabaab da Somália .....	35
4.2.1 Objectivos e Reivindicações do Al-Shabaab Somaliano.....	36
4.2.2 Ideologia, Liderança e Relação Com Outros Movimentos Terroristas .....	37
4.2.3 Financiamento .....	37
4.2.4 Recrutamento .....	38
4.3 Al-Shabaab de Cabo Delgado ou Al-Sunnah.....	41
4.3.1 Quem são e de onde se originam os “insurgentes” de Cabo Delgado? .....	42
4.3.3 Recrutamento e razões para os jovens se aliarem ao grupo .....	45
4.3.4 Ideologia.....	46

4.3.5 Financiamento .....	46
4.3.5 Objectivos e Reivindicações .....	47
4.3.6 <i>Modus Operandi</i> .....	48
4.3.7 Ligações com outros Grupos terroristas .....	48
4.3.8 Formas Usadas para Combater o Al-Shabaab Moçambicano .....	49
<b>5. COMPARAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS TERRORISTAS .....</b>	<b>50</b>
2-Tabela de comparação de países .....	53
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>54</b>
<b>7. Referências .....</b>	<b>57</b>

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Declaro, por minha honra, que este trabalho de fim do curso nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau académico e que ele constitui o resultado da minha pesquisa pessoal, estando citadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes utilizadas para a concepção do mesmo.

O Licenciando

---

Lemos Samuel Macuácuca

Maputo, Janeiro de 2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais e professores da vida (Samuel Teodósio Elias e Elisa Lemos Buramo Mafuca, Leonardo Macuácua e Felizarda Guambe Macuácua), as minhas irmãs, Conceição Samuel Macuácua, Ancha Samuel Macuácua, aos meus irmãos Elito Macuácua, Olinda Zunguze, Florentina Macuácua, Catarina Macuácua, Sorta Macuácua, e muito em especial ao Mano Títos

Aos que me tem acompanhado, nas batalhas da vida, que este trabalho vos sirva de inspiração, e de um patamar a alcançar. Dedico este trabalho ao meu Ex-companheiro Elidio Barroso e aos meus amigos e colegas desde o ensino primário até esta fase da minha vida acadêmica.

Maputo, Janeiro de 2023

## AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimento é extensa, e me emociono ao mencionar cada nome na lista, pois, cada um fez um pouco da personalidade que tenho hoje. Começando pelos meus “doutores e doutoras da vida” senhor Samuel Elias, Dona Elisa, senhor Leonardo e Dona Felizarda, obrigado pelos ensinamentos, pelas lições, pelas aulas “práticas” da vida, obrigado por cumprirem a vossa responsabilidades de pais e educadores.

Lagrimas escorem dos meus olhos, ao agradecer importantes figuras académicas, indivíduos que desde cedo despertaram em mim a curiosidade na pesquisa em ciências sociais, causadores do “terror psicológico” e da mania por constantes leituras: ao meu supervisor Professor Sérgio Chichava (“estás lixado”); ao Professor José Macuane “o monge”; ao Professor Jaime Guiliche; ao Professor Domingos do Rosário com sua icónica frase “o que o c\* tem a ver com as calças?” graças a essa frase passei a focalizar-me em elementos que realmente interessavam numa pesquisa; a professora Sélcia Lumbela, ao Professor Salvador Watata, pela introdução de um gatilho sobre reflexões em Ciência Política, aos professores Anísio Buanaissa, Egídio Guambe, Zefanias Matsimbe, Adelino Pimpão, Aurélio Rocha, Armindo Manhiça, ao dr Ucucho, dr Sambo, dr. Maluana e dr. Amade, e dr Barroso, muito obrigado!

E o que dizer de ti, Joana Manhiça? Minha fiel, paciente e carinhosa namorada. Estarei eternamente em débito, por teres dispensado o teu amor, carinho, paciência, nesses anos de caminhada académica, por teres celebrado e chochado comigo, por me teres apoiado, incentivado, muito obrigado Sweet!

Obrigado aos meus colegas da Team da Coesão, Hilário Semende, Mariana Mesa, Nádía Mataveia, Assucena Cau, e em especial a Ahbtyghoriat Ahdjira Machado (senhora Rafael) e ao meu “broh” Tony Pinto Matos Nhalia, amigo, parceiro nos negócios, cúmplice, confidente, etc *valeu broh!*

Por fim, mas não, mas não menos importante a Deus, e a todos e todas que fizeram parte dessa minha odisseia académica, por terem estado ao meu lado, nos bons e maus momentos, por me terem apoiado, eis o fruto.

Thakuta

## **LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS**

CIA- Agência Central de Inteligência

CDD- Centro para a Democracia e Desenvolvimento

CEDEAO- Comunidade Economica para o Desenvolvimento da Africa Ocidental

FADM- Forças Armadas de Moçambique

FDS- Forças de Defesa e Segurança

IGC- International Group Crisis

ISCAP- Islamic State for Central Africa Provincia

LNG- Gás Natural Liquefeito

ONU - Organização das Nações Unidas

PRM- Polícia da Republica de Moçambique

SADC- Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral

UTI/ UIC- União dos Tribunais Islâmicos

## **RESUMO**

Desde 2017 que o norte de Moçambique é açoitado pela violência extrema, tais factos são apontados pelos especialistas como terrorismo, são atribuídos ou reivindicados por um grupo de pessoas que se autodenominam de Al-Shabaab, fazendo lembrar a situação que se vive na Somália e na Nigéria. As causas e motivações por detrás do terrorismo nessa região tem sido analisadas desde muito cedo, no entanto sem muito sucesso. Entretanto, as pesquisas indicam muitas semelhanças entre o al-Shabaab, da Somália, Boko haram e o grupo que opera em Cabo Delgado. Apesar dessas muitas semelhanças, as pesquisas indicam alguma atipicidade no terrorismo vivido em cabo Delgado. Com base no método da semelhança é possível identificar o elemento que gera essa atipicidade.

**Palavras-chave:** *Terrorismo, Semelhança e Diferenças.*

## **Abstract**

*Since 2017, the north of Mozambique has been affect by extreme violence such facts are pointed out by experts as terrorism, are attributed or claimed by group of people who call themselves Al-Shabaab. Recalling the situation in Somalia and Nigeria, the Causes and Motivations behind terrorism in this region have been covered since very early on although without much success. However, research shows many similarities between Somalia's Al-Shabaab, Boko haram and the Group operating in Cabo Delgado. Despite these many similarities, research indicates some differences in the terrorism experienced in Cabo Delgado. Based on the similarity method it is possible to identify the element that generates this difference.*

**Key Words:** *Terrorism, Similarities and Differences*

## 1. INTRODUÇÃO

A existência de violência nas sociedades africanas não constitui uma novidade, mas a natureza do terrorismo vivido em várias partes da África, é recente. Data de pelo menos o início da década 90 com colapso de vários governos autoritários e o recrudescimento de guerras civis na África subsaariana.

Com os ataques de 11 de Setembro no início do milênio, o terrorismo na África tem ganhando mais espaço e a dificuldade dos governantes fazer face a tais grupos criou espaço para um crescente alastramento do terrorismo para regiões cuja distribuição do mapa religioso, divisões étnico-cultural, pobreza, desemprego, constituem elementos que fertilizam o terrorismo.

Ao se observar as características do terrorismo na África Negra, no caso da Somália a emergência do terrorismo está diretamente relacionado com a guerra civil da pós-era de Mohammed Siad Baré, impulsionado por um sentimento nacionalista somali contra a invasão Etíope e Americana. No caso da Nigéria o impulso ao terrorismo pode ser apontado para as consequências das décadas marcadas por ditaduras e golpes de estado violentos que deixaram linhas divisórias.

Na Nigéria foram as desigualdades sociais, problemas étnicos e religiosos e a volatilidade em termos de segurança na região em que o grupo actua. Enquanto que no caso de Moçambique (Cabo-Delgado) pesquisas apontam para a maldição dos recursos naturais.

Os elementos apontados como as causas emergenciais da violência e do terrorismo, apesar de aparente diferença nos diferentes contextos, num olhar mais acurado entretanto, se verifica que tem muito mais em comum. A começar pela ideologia e formas de financiamento ilícitas das suas actividades, tráfico humano, tráfico de drogas, afinidades com outros movimentos terroristas do Oriente Médio, entre outras.

Portanto, o presente trabalho faz uma análise comparativa de três grupos terroristas que operam em África nomeadamente: o Boko Haram que actua desde 2009 no norte da Nigéria e arredores, Al-Shabaab da Somália que actua desde 2006 na Somália, e o “Al- Shabaab de Moçambique” ou “Al- Sunnah” que actua desde 2017 no norte de Moçambique.

### **1.1.2. Delimitação Espaço-temporal**

Esta pesquisa tem como horizonte espacial o continente Africano, particularmente a Nigéria, a Somália e Moçambique. Isto se justifica pelo facto de que, o Boko Haram, o Al-Shabaab e o do Al-Sunnah em Cabo Delgado terem sido formados nestes Estados, e também justifica-se pelo facto da Nigéria, da Somália e de Moçambique constituírem o espaço geográfico cujas acções violentas se fazem sentir. Por seu turno, África é importante por constituir o espaço regional onde a ameaça terrorista cresce e se alastra a cada ano.

Quanto ao horizonte temporal, a pesquisa tem como limite inferior os princípios do ano 2002 e como limite superior o ano de 2021. Os princípios do ano 2002 são importantes por ter sido o período em que os movimentos terroristas em estudo foram formados. No caso do Boko Haram, Omoera e Ogah (2016:34) afirmam que foi formado em 2002, enquanto o Al-Shabaab, Pereira (2014:6) afirma que foi criado nos anos 2003-2004. E o caso de Cabo Delgado, estudos avançam que o seu período de formação fora por volta de 2013/2015 (CHICHAVA, 2020a), entretanto o seu período de acção se deu em Outubro de 2017.

O ano de 2021 constitui o limite superior desta pesquisa pelo facto de ser um ano em que no seu primeiro semestre observou-se uma tendência de intensificação das acções terroristas em Cabo Delgado, e a continuação das acções do Boko Haram, ainda que se presume que o seu líder fora abatido.

O ano de 2021 tem ainda uma grande importância, pois a partir do segundo semestre de 2021, Moçambique recebeu o apoio externo militar e logístico para fazer face ao terrorismo. Tendo o regime de Paul Kagame se prontificado e se principiado no envio das forças militares, cujos “resultados” não tardaram a aparecer.

## **1.2 Contextualização**

O início do novo milénio foi marcado por um fenómeno não novo, mas que conseguiu atrair as atenções globais para si, o terrorismo. Sobretudo com os ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001 perpetrados pelo Al-Qaeda contra o *World Trade Center* e o Pentágono nos Estados Unidos da América (EUA), “o que resultou numa declaração de luta global contra o terrorismo e contra todas nações que apoiam movimentos terroristas” (WATSON, 2009:1).

Em África, constata-se que os movimentos terroristas que surgiram no novo milénio têm ameaçado e desafiado à segurança e a estabilidade política dos Estados Africanos. Este facto é facilmente observado com a intensificação e alastramento das acções de movimentos terroristas como o Boko Haram e o Al-Shabaab.

No caso do Boko Haram, a intensificação verifica-se através dos ataques terroristas que leva a cabo contra forças de segurança, população civil e entidades internacionais na Nigéria, Chade e Camarões, constituindo, deste modo, uma ameaça à segurança e à estabilidade política daqueles Estados (PHAM, 2012: 4).

No caso do Al-Shabaab ataques constantes são levados a cabo contra entidades estatais e internacionais na Somália e por vezes, além-fronteiras como se verificou no ataque efectuado pelo Al-Shabaab ao Westgate Mall, em Nairobi, capital Queniana (ALI s/d p. 7). E isso, cria um ambiente de pânico e permanente alerta em relação as suas actividades no nível doméstico e regional (BLANCHARD, 2013: 2-3).

Tratando-se de Cabo Delgado nos meses iniciais do ano de 2021 o grupo efectuou cerca de (4) quatro ataques a populações civis, instalações militares, administrativas e esquadras da polícia. O mês de Abril de 2021 foi o mais violento desde que o grupo começou com as suas actividades em 2017 tendo havido confrontos abertos durante dias entre as FDS (Forças de Defesa e Segurança) e o grupo. E o rescaldo dessa escalada de conflito foram mais de 100.000 descolados, enceramento temporário da petrolífera francesa Total, destruição de bens e propriedades da população, etc.

Tais cenários sociopolíticos conjugados com a pobreza, violações dos direitos humanos, corrupção, preocupa não só as populações diretamente afetadas que clamam pelo cessar de tanta morte e violência, mas também a União Africana e as organizações regionais que procuram meios de erradicar a pobreza e as desigualdades no continente entretanto.

### 1.3 Problema de Pesquisa

Segundo Omoera e Ogah (2016), “não existe um perfil específico de país susceptível a ataques terroristas todavia, certas características semelhantes podem ser observadas em países da África Subsaariana onde os grupos terroristas emergiram”, sendo elas: a exclusão política e económica de certos grupos étnicos, violência coercitiva<sup>1</sup> exercida a certos grupos, supressão das liberdades civis e políticas, fraco desempenho da democracia, ou uma democracia questionável no sentido de se confundir com autoritarismo.

Hanlon (2018a), observa que países com um índice de corrupção exacerbada; pobreza e insegurança; desemprego juvenil; explosão demográfica não acompanhada com melhoria de vida; desmazelo ou fraco controlo político-administrativo de certas áreas geográficas estão por detrás dos movimentos terroristas.

No mesmo raciocínio de Hanlon (2018a), Serrano (2019:2) acrescenta que “em regiões pobres que carece de fundos educacionais adequados para os jovens, em lugares com muitos jovens na área e oportunidades limitadas de educação e altos níveis de pobreza grupos terroristas se apresentam como um grupo atraente para se juntar”.

Segundo Genoud (2021), Habibe, Forquilha e Pereira (2019) se por um lado os factores arrolados acima constituem elementos propiciadores para o surgimento, consolidação e até mesmo o sucesso de movimentos terroristas na África. Por outro lado, argumenta-se que “não haverá diminuição das fontes do terrorismo quando esses elementos socioeconômicos e políticos estiverem presentes”, Jenkins (1986) ressalta que:

(...) pois estes (grupos terroristas) coincidem com as muitas fontes sociais da violência, tais como «crescimento das populações, da pobreza, da escassez dos recursos, das tensões raciais, da inflação e do desemprego, acrescidas tensões entre as nações desenvolvidas e as subdesenvolvidas, ondas de refugiados e de imigrantes deslocando-se dos Estados mais pobres para os mais ricos, frequentemente trazendo com

---

<sup>1</sup>Um exemplo disso é apontado por Cohen (2015:30-32), o autor nota que os numerosos casos relatados de abuso militar criam apoio. Prisões arbitrárias em massa, tortura e execuções sumárias, alimentam o apoio à luta contra instituições governamentais, como militares e polícias. Embora nem todos os agentes do governo cometam tais actos, há aqueles que geralmente agem com impunidade e isso agrava o senso de injustiça.

eles os conflitos das suas pátrias, por vezes originando ressentimentos entre os cidadãos nativos, rápida urbanização, desintegração das estruturas tradicionais de autoridade, emergência de agressivos grupos ou cultos religiosos fundamentalistas. (JENKINS, 1986:255-263).

Moçambique, Nigéria e Somália, são exemplos desses países, possuindo em quase toda a sua extensão territorial factores que propiciam a eclosão de violência armada, na verdade esses países vivem em constante Estado-de-Tensão devido aos problemas Sociopolíticos que os cerca. Por exemplo, no índice de Estados Falhados de Foreign Affairs de 2021) Moçambique e Nigéria estão no limiar da classificação de estados falhados e abaixo deles só a Somália.

Entretanto, ao se buscar as causas por detrás da violência assistida a Somália e a Nigéria aparecem com mais clareza, daí portanto, tornar-se fácil compreender os eventos. No caso de Moçambique mais do que as causas serem objecto de intenso debate, o conflito parece desenrolar-se sobre uma “fumaça negra” que oculta desde as suas reais causas até a identidade dos envolvidos.

Em virtude disso, apesar dos três casos em análise apresentarem elementos propiciadores semelhantes, quais sejam: pobreza extrema, exclusão social, radicalismo religioso, financiamento através das actividades ilegais, entre outras coisas, o caso de Moçambique apresenta-se como um desvio dos demais grupos terroristas quanto as causas origem e as características. Sendo assim, o estudo guia-se com base na seguinte pergunta: **De que forma a o conflito no norte de Moçambique se assemelha com os conflitos na Somália e Nigéria?**

#### **1.4 Justificativa do Tema**

Este tema mostrou-se pertinente pelo valor académico que o estudo do terrorismo tem para África e Moçambique em particular, pois esta é uma questão recente nos estudos sobre regimes africanos, paz e segurança, desenvolvimento económico, integração económica e consolidação da democracia. Mas também pela preocupação que o terrorismo constitui aos Estados e às organizações regionais Africanas.

Aos Estados, devido aos receios de secessão, como tem estado patente no discurso do Boko Haram na Nigéria, e do Al-Shabaab de Moçambique no qual fala-se da pretensão de formar um Estado islâmico nos respectivos territórios, o que ameaça a integridade territorial. E no caso da

Somália, através dos atentados constantes contra forças governamentais e órgãos de soberania, acabando por minar as tentativas de reerguer o Estado na Somália (PLOCH, 2010: 8).

O terrorismo é igualmente preocupação para as Organizações Regionais se tivermos em conta a agenda da Comunidade Económica para o Desenvolvimento da África Ocidental (CEDEAO), que tem na sua lista de prioridades o combate ao terrorismo e aos movimentos terroristas na região (BOLAJI, 2010: 209). Igualmente na África Oriental, onde uma iniciativa regional foi criada pelos EUA tendo em vista fortalecer as capacidades de combate ao terrorismo no Djibouti, na Eritreia, no Quênia, na Tanzânia e no Uganda (PLOCH, 2010: 2).

Apesar de não ter sido preocupação primordial na região da África Austral (fectados por outros males) o terrorismo pela forma que se conhece hoje entrou na lista das prioridades da SADC tanto que em 2021 foram feitos esforços para o envio de tropas para Cabo Delgado.

A preocupação do estudo sobre terrorismo interessa muito em particular a Moçambique pois, sendo este, o detentor da maior reserva de gás natural da costa oriental e da África austral e um importante corredor para os países do *hinterland* e o mais directamente afectado pelas acções terroristas desde 2017.

#### **1.4.1 Objectivos:**

**Objectivo Geral:** Analisar de forma comparativa o terrorismo na Nigéria, Somália e Moçambique.

##### **Específicos**

- Discutir o terrorismo em África;
- Identificar as razões, causas, motivos que levam ao terrorismo nos Países da África Subsaariana;
- Estudar os contornos do conflito em cada um dos grupos terroristas;
- Comparar cada um dos grupos terroristas.

## **2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL**

### **2.1. Conceitos**

#### **2.1.1. Terrorismo**

Segundo Pereira (2013) o terrorismo está longe de ser um conceito recente. Utilizado para descrever os assassinos de Hasan Ibn Sabah durante o século XI, a Inquisição, o Ku-Klux-Klan, as Brigadas Vermelhas, as FP-25, entre muitos outros, este conceito foi sendo empregue, com frequência, ao longo dos séculos. No entanto, foram os ataques do Al-Qaeda, a 11 de setembro de 2001, que trouxeram uma visibilidade acrescida ao fenómeno, assumindo-se como uma das principais e novas ameaças no século XXI (MARTINS, 2010: 7). E com isso dando uma nova ênfase à discussão existente relativamente à delimitação e definição do que se considera terrorismo (PEREIRA 2013, p. 22).

Wardlaw (1982: 16) define o terrorismo como o uso, ou ameaça do uso, de violência por um indivíduo ou um grupo agindo para, ou em, oposição ao estabelecimento de uma autoridade. Assim, está-se perante terrorismo quando tais acções são destinadas a criar extrema ansiedade e/ou efeito de indução de medo num grupo alvo mais largo que as vítimas imediatas, com o propósito de coagir um grupo (geralmente político) a consentir as demandas políticas dos seus perpetradores (WARDLAW, 1982: 16).

Para Bobbio (1998:1242) apesar de correntemente o terrorismo ser entendido como a prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas ou as coisas provocando o terror, a distinção entre o terror e o terrorismo representa o ponto de partida para a análise de um fenómeno que, ao longo dos séculos, viu constantemente aumentar seu peso político.

Bobbio (1998) enfatiza que o terrorismo em sua forma clássica apresenta algumas características fundamentais:

- 1) a organização: o terrorismo, que não pode consistir em um ou mais actos isolados, é a estratégia escolhida por um grupo ideologicamente homogêneo, que desenvolve sua luta clandestinamente entre o povo para convencê-lo a recorrer a:
- 2) acções demonstrativas que têm, em primeiro lugar, o papel de "vingar" as vítimas do terror exercido pela autoridade e, em segundo lugar, de "aterrorizar" esta última, mostrando como a capacidade de atingir o centro do poder é o resultado de uma organização sólida e
- 3) de uma mais ampla possibilidade de acção:

através de um número cada vez maior de atentados (veja-se a sua sucessão nos anos de 1878 a 1881 na Rússia) que simboliza o crescimento qualitativo e também quantitativo do movimento revolucionário (BOBBIO 1998, p. 1243).

Em suma, Bobbio (1998) afirma que, “a prática terrorista adapta-se a uma situação sócio-política particularmente atrasada na qual é necessário despertar a consciência popular e fazer com que o povo passe do ressentimento passivo à luta activa através daquele que poderia ser definido como um verdadeiro atalho no processo do crescimento revolucionário”. No contexto internacional, pode-se até verificar o caso, aparentemente contraditório, de que o terrorismo se revele a única forma de acção possível, quando os grupos terroristas não possam ser reconduzidos a nenhuma unidade territorial, ou melhor, a nenhum Estado.

Neste caso, os terroristas combatem contra um Estado de que não fazem parte e não contra um Governo (o que faz com que sua acção seja conotada como uma forma de guerra), mesmo quando por sua vez não representam um outro Estado. Sua acção então aparece como irregular, no sentido de que não podem organizar um exército e não conhecem limites territoriais, já que não provêm de um Estado.

De acordo com Garcia (2010:190-192) os Estados Unidos da América que, com o Presidente Bush filho, declararam aberta a guerra contra o Terrorismo em 2001, têm várias definições. O Departamento de Estado, o Departamento de Defesa e o FBI, só para dar alguns exemplos, não seguem a mesma definição. Ao nível das organizações internacionais, como as Nações Unidas, a União Europeia (EU), a Rússia, a China ou mesmo a NATO/OTAN, também existem definições diferentes do conceito.

Ao nível académico há várias interpretações do que deve ser considerado terrorismo. Terrorismo Internacional, Terrorismo Político, Terrorismo de Estado, Terrorismo Religioso, são apenas algumas das variadas tipologias existentes, muitas das quais sobrepostas, paralelas e com apenas ligeiras diferenças conceptuais, por vezes quase incompreensíveis<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> No seu dicionário de política, Bobbio faz uma discussão exaustiva sobre o terrorismo de estado, terrorismo político/doméstico e o terrorismo internacional

Segundo Pereira (2013) “as definições apresentadas na academia, são muitas vezes parciais”. Algumas focam-se essencialmente no modo de actuação, outras nas motivações, no modus operandi nos objetivos, nos alvos, etc. Consoante é o foco da abordagem varia a interpretação efectuada (GANOR, 2002).

Nessa ordem, Borges (2006), por exemplo, apesar de salientar que cada um dos pontos levanta alguns problemas de delimitação, o autor enuncia alguns critérios de delimitação do que se pode considerar terrorismo: o objecto (ligado diretamente à violência); os sujeitos (que, inclusive podem ser o Estado); os alvos (principalmente civis desarmados, não combatentes ou bens comuns de cariz simbólico); e os objetivos (essencialmente políticos) (BORGES, 2006:123).

Alguns autores defendem que um consenso relativamente à definição de terrorismo não é exequível, até porque está sempre presente uma dicotomia de visões uma interpretação moral que depende de quem está a efetuar a análise. *O cliché —one man’s terrorist is another man’s freedom fighter<sup>3</sup>* é um facto incontornável nesta análise (PEREIRA 2013:25).

Martins (2010:10) salienta que não tem sido possível até hoje obter uma definição do terrorismo internacionalmente aceite, porque em vez de considerarem que o terrorismo se define pelos seus métodos (opinião prevalecente no “mundo ocidental”) muitos académicos e analistas, inclusive no “mundo ocidental” e responsáveis políticos de diversos países sobretudo entre os islâmicos e no “terceiro mundo” insistem que importa antes de mais referi-lo aos seus objectivos, pretendendo que, em certos casos, como, por exemplo, no da violência destinada a combater uma potência ocupante, não se poderá considerar terrorista o grupo que lute pelo bem colectivo, sejam quais forem as formas de violência que utilize.

Assim sendo, a definição de terrorismo requerida pelas exigências não só da formulação teórica como também da operacionalidade prática no que se refere à eficiência no seu combate, deverá

---

<sup>3</sup> A tradução para o português é: terrorista para um, combatente pela liberdade para outro. Segundo Pereira (2013) isso remete a ideia de que a visão de bem ou mal depende do ponto de vista. Pois uma mesma organização pode ser vista por um determinado estrato como criminosa, terrorista, e por outro estrato como um grupo que luta pela liberdade. Tais foram os exemplos dos movimentos de libertação na África, e mesmo as guerras civis *posteriors* a independência.

centrar-se no que será a sua forma específica de prática da violência patente desde logo na própria acção terrorista.

Apenas alguns países da União Europeia (UE) definiram o terrorismo na lei. A Grã-Bretanha é um desses países, com sua Lei de Terrorismo de 2000 que é a legislação terrorista mais abrangente em qualquer estado membro da UE. A lei define terrorismo como “o uso ou ameaça de acção para influenciar um governo ou intimidar o público por uma causa política, religiosa ou ideológica”. O terrorismo também é definido em alguns sectores como uma forma ilegal, organizada e sistemática de adoptar actividades terroristas com o objetivo de mudar o sistema actual e a fim de servir aos próprios objetivos políticos dos terroristas.

A CIA (Central Intelligence Agency) afirma que “terrorismo é a ameaça ou uso da violência, para fins políticos, por indivíduos ou grupos, com a intenção de chocar ou intimidar um grupo alvo mais vasto do que as vítimas imediatas”, Wilkinson (1990:1-2), corrobora e acrescenta que o “terrorismo consiste em três elementos básicos: a decisão de usar o terrorismo como arma sistemática por parte dos praticantes da violência, as próprias ameaças ou actos de extraordinária violência, e os efeitos dessa violência sobre as vítimas imediatas – o grupo alvo ou audiência – e sobre a mais ampla opinião nacional ou internacional que os terroristas podem procurar intimidar ou influenciar”.

Segundo Martins (2010:13), há um medo amplificado que o terrorista procura provocar na sua utilização perversa da violência, como sendo a arma decisiva para atingir aqueles que pretende coagir, e que geralmente se situam para além das suas vítimas imediatas, as quais funcionam assim como meros símbolos ou elementos de comunicação. Essa amplificação do medo provocado, o terrorista usualmente procura-a actuando segundo um ou mais dos seguintes vectores:

- Espetaculosidade, procurando o maior sensacionalismo possível, chamando o máximo da atenção pública para o seu acto;
- Crueldade, provocando sofrimento desnecessário, mostrando total ausência de piedade, alargando deliberadamente o número de vítimas, destruindo e mutilando, mesmo para além do que os objectivos imediatos do seu acto violento exigiriam;

– Imprevisibilidade, quanto ao momento, ao local, e às vítimas, atingindo indiscriminadamente homens e mulheres, crianças e velhos, mesmo sem terem relação alguma com o conflito.

Destes três vectores, argumenta Martins (2010) a imprevisibilidade é talvez, para o terrorismo, o elemento mais contraproducente a prazo, pois se num primeiro momento aumenta e alastra o medo, num segundo tempo potência a reacção e facilita a generalizada aceitação de medidas mais duras contra os terroristas.

De acordo com Wilkinson (1990:3), existe pelo menos quatro tipos principais de movimentos terroristas actualmente activos:

- (1) movimentos nacionalistas, autonomistas, ou de minorias étnicas;
- (2) seitas ideológicas ou sociedades secretas procurando alguma forma de “justiça revolucionária” ou de libertação social;
- (3) grupos de exilados ou de emigrados com aspirações irredentistas, separatistas, ou revolucionárias, relativamente ao seu país de origem;
- (4) “gangs” transnacionais dispendo de terroristas e de suporte logístico de dois ou mais países, geralmente em nome de algum vago objectivo “revolucionário mundial”

Pode se observar que os casos em análise nomeadamente o Boko Haram, Al-Shabaab da Somália e de Moçambique sobrepõe algumas dessas características, por exemplo o Al-Shabaab de Cabo Delgado e o Boko Haram caracterizam-se por ser uma seita ideológica que procura uma justiça revolucionaria na mesma medida que é uma “gang” transnacional com objectivo vagos.

## **2.2. Revisão da Literatura**

### **2.2.1. África Subsaariana e o Terrorismo**

A militância islâmica na África subsaariana segundo Østebø (2012:2) surgiu na Somália em meados da década de 1980 com a formação da *al Itihad al Islamia* (“Unidade islâmica”), que desencadesou as suas operações armadas no início da década de 1990.

A *Al Itihad* desapareceu de cena a partir de 1996, mas a sua ideologia e principais activistas continuaram a desempenhar um papel no movimento bastante diversificado da União dos Tribunais Islâmicos ou ainda União das Cortes Islâmicas (UIC) surgido em meados da década de 2000 (ØSTEBØ; 2012:2).

Em 2006 a UIC mantiveram o controlo de Mogadíscio durante alguns meses, até serem esmagados pela intervenção etíope em Dezembro do mesmo ano. Surgiu depois no seu lugar o movimento *al Shabaab*, composto de uma nova geração de militantes islâmicos cada vez mais determinados a usar a violência para atingir os seus objectivos. Além de desencadear uma guerra de guerrilhas que lhe permitiu dominar vastas áreas do sul da Somália, o al-Shabaab acrescentou os atentados suicidas ao seu repertório.

Enquanto isso, países dilacerados por guerras civis, pobreza extrema, exclusão política, e uma juventude que encontravam amparo na religião assistiam de camarote a ascensão e a glória (vitória sobre o exército dos EUA) do Al-shabaab na Somália.

Ainda na mesma década (2010) assiste-se a um abalo político nos territórios islâmicos da África e da Ásia, evento que ficou conhecido como a Primavera Árabe. Os protestos começaram a 18 de dezembro de 2010 e duraram até os meados de 2012.

Uma característica é que compartilharam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso da internet e redes sociais, como Facebook, Twitter e YouTube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados.

Aparentemente não existe uma relação direta entre a primavera árabe e o terrorismo, até mesmo parecem caminhar para direções opostas já que uma foi pela liberdade política, e outra tende a ser pela repressão, todavia a primavera árabe ocorreu em países cujos líderes dos grupos terroristas foram para estudar e com isso fortemente influenciados.

Pode não haver uma relação directa mas esse evento, derrubou sucessivos governos em várias partes do mundo Muçulmano e mergulhou pelo menos um numa guerra civil que se vive até hoje. Portanto, apesar do risco, é possível que esse evento tenha influenciado os já existentes movimentos a se armarem e se radicalizarem.

Por fim, é importante assinalar a frequente e ampla ligação de muitos grupos terroristas ao crime organizado, desde o contrabando de drogas e de armas, até à extorsão sistemática de contribuições pecuniárias a empresários e negociantes (designada como “imposto revolucionário” pelos terroristas) incluindo também muitas vezes assaltos a bancos e raptos de civis para obter resgates em dinheiro. Tal ligação ao crime comum embora também acontecesse, era relativamente rara e sobretudo, mais limitada no seu âmbito entre os anarquistas de antes da II Guerra Mundial.

### **2.3. Enquadramento Teórico**

#### **Novo Institucionalíssimo**

No novo Institucionalismo Hall e Taylor (2003:205) afirmam que, os teóricos dessa teoria postulam que os actores “pertinentes” compartilham um conjunto determinado de preferências ou de gostos (conformando-se habitualmente a condições muito precisas, como o princípio da transitividade) e se comportam de modo inteiramente utilitário para maximizar a satisfação de suas preferências, com frequência num alto de estratégia, que pressupõe um número significativo de cálculos.

Em segundo lugar, tende a se considerar a vida política como uma série de dilemas de acção colectiva, definidos como situações em que os indivíduos que agem de modo a maximizar a satisfação das suas próprias preferências o fazem com o risco de produzir um resultado aparentemente sub-óptimo para a colectividade. Esta vertente segundo Hall e Taylor (*idem*) enfatiza o papel da interacção estratégica na determinação das situações políticas.

Hall e Taylor (2003) mostram que a escolha racional interage com a vertente histórica, quando os actores históricos seleccionam novas instituições com um objectivo instrumental, mas o fazem a partir de uma lista de alternativas historicamente determinadas por mecanismos que o institucionalismo sociológico descreve, mas utilizando a racionalidade descrita pela vertente da escolha racional.

Em North (1990:3), as instituições [regras] determinam as oportunidades e os incentivos para o comportamento de inclusão ou de exclusão de potenciais actores, e estas mesmas instituições estruturam a relativa facilidade ou dificuldade de induzir mudanças e os mecanismos pelos quais as mudanças podem ser facilitadas ou dificultadas.

Uma vez que os actores políticos estão inseridos dentro do campo político, estes, estão em constante contacto com as instituições e todas as suas acções são condicionadas pelas instituições existentes, assim, a análise do terrorismo deriva em primeiro lugar da análise do papel das instituições e do contexto envolvente.

Na visão de Rhodes et al; (2006: 14), as regras que definem as instituições ou que definem os limiares para participação no jogo são detidas pela vantagem política de um conjunto de actores em detrimento de outros que a contestam. Nesse sentido as instituições fornecem arenas para o conflito, a isso, Bourdieu (2002) denomina de “Campo político” pois é neste campo abstracto e de posições desigualmente distribuídas onde os dominados tentam subverter a relação de força e os esforços para alteração estimulam ainda mais o conflito na medida em que alteram as regras do jogo de maneira a alterar a localização de vantagens e desvantagens.

Assim, quando um actor vê as suas expectativas frustradas, as suas acções posteriores são determinadas dentro de um quadro de possibilidades fornecidas pelas instituições, e quando essas instituições não são suficientes robustas elas podem induzir a comportamentos e consequentemente ao uso da violência como meio para o alcance dos seus fins.

## **2.4 Método Comparativo**

Segundo Lim (2016) a política comparada centra sua investigação na política em torno de um método, não de um objecto particular de estudo. Isso o torna único, pois todos os outros subcampos são orientados em torno de um assunto ou foco de estudo. O método comparativo é uma das quatro principais abordagens metodológicas nas ciências (as outras são o método estatístico, o método experimental e o método de estudo de caso).

O método envolve a análise da relação entre variáveis que são diferentes ou semelhantes entre si. A política comparativa geralmente usa esse método comparativo em dois ou mais países e avalia uma variável específica nesses países, como uma estrutura política, instituição, comportamento ou política.

Embora a política comparada muitas vezes faça comparações entre países, ela também pode realizar análises comparativas dentro de um país, observando diferentes governos ou fenómenos políticos ao longo do tempo. e avaliar se há alguma diferença na construção de consenso entre formas semelhantes de governo representativo.

## **2.4. Teorias explicativas do conflito**

### **2.4.1. Teoria Psicológica da Agressão**

#### **Teoria da Frustração-Agressão**

Na sua clássica obra *Why Mans Rebels* (Porque que os Homems se Rebelam )Ted Gurr explora por que as pessoas se envolvem em violência política (motins, rebeliões, golpes, etc.) e como os regimes respondem. Embora escrito muito antes da actual onda de insurgências, tem muito a dizer sobre o que vem acontecendo desde o início do século XXI.

Neste livro, Gurr examina a teoria psicológica da frustração-agressão, e argumenta que a fonte primária da capacidade humana para a violência é o mecanismo de frustração-agressão. A frustração não leva necessariamente à violência, afirma Gurr (2014), mas quando é suficientemente prolongada e agudamente sentida, muitas vezes resulta em raiva e, eventualmente, em violência.

Gurr explica essa hipótese usando o termo “privação relativa”, que é a discrepância entre o que as pessoas pensam que merecem e o que elas realmente pensam que podem obter. A hipótese de Gurr, que forma a base do livro, é que: “O potencial de violência coletiva varia fortemente com a intensidade e o alcance da privação relativa entre os membros de uma coletividade.” (GURR 2014:24)

Se, no entanto, houver uma discrepância significativa entre o que eles acham que merecem e o que eles acham que vão conseguir, há uma probabilidade de rebelião. Gurr afirma que esse é o caso, mesmo que não haja dúvida de que suas necessidades básicas serão atendidas. A primeira situação pode ser desesperadora, mas é a segunda que é frustrante. E, de acordo com Gurr, assim como a frustração produz um comportamento agressivo por parte de um indivíduo, também a privação relativa prediz a violência coletiva por parte de grupos sociais.

Várias outras variáveis também influenciam o uso da violência, por exemplo, a cultura, a sociedade e o ambiente político. A cultura deve pelo menos aceitar, se não aprovar, a acção violenta como meio para um fim. A violência política também é mais provável se a liderança actual e/ou o sistema socioeconômico/político for visto como ilegítimo. Outro fator é se a violência é considerada uma solução viável para o problema.

Vale ressaltar que Gurr não olha para um indicador mais absoluto ou objetivo de privação como fonte de violência política. As pessoas podem se acostumar com um mau estado de coisas, mesmo aquele que oferece tão pouco acesso a recursos de manutenção da vida que os membros do grupo estejam a morrer de fome ou de doenças ou ainda de exposição remediáveis.

Na explicação de Gurr (2014:11) “a violência política varia de acordo com a magnitude e a forma. A magnitude inclui escopo (quantos participam), intensidade (capacidade/alcance da destruição) e duração. O formulário inclui três categorias: tumulto, conspiração e guerra interna”.

Gurr (2014) faz uma longa revisão da pesquisa psicológica sobre agressão e conclui que a frustração-agressão é a “fonte primária da capacidade humana para a violência” (pág 36), embora a agressão não seja necessária nem suficiente [de fato, o autor admite que às vezes a ganância impulsiona violência, mas essa frustração é uma força motivadora muito mais forte]. Quanto mais intenso e prolongado o sentimento de frustração, maior a probabilidade de agressão. Gurr também considera três explicações concorrentes e as considera irrelevantes ou não em conflito com a privação relativa a saber: dissonância cognitiva, anomia (ausência de norma) e conflito (essencialmente, RD causado pela competição com outro grupo) (GURR:2014:41).

A Privação Relativa pode acontecer de três maneiras: (1) “Privação Decremental” - as expectativas de valor permanecem constantes enquanto as capacidades caem (pág 47 - por exemplo, quando os imigrantes de uma determinada sociedade/época estejam assumindo empregos não qualificados, reduzindo as condições para o trabalho não qualificado); (2) “Privação Aspiracional” - as expectativas de valor aumentam enquanto as capacidades permanecem as mesmas (pág 49). (3) “Privação progressiva” [a curva J] - as expectativas crescem [espera-se um crescimento contínuo] e as capacidades crescem mais lento, entretanto as capacidades não se mantêm ou começam a cair (pág 50).

As explicações da obra de Ted Gurr sobre as causas do conflito a partir das teorias psicológicas da frustração-agressão se enquadram para a explicação das causas e das motivações da onda de insurgência e terrorismo nos países em Estudo neste trabalho.

## **2.5. Método de Comparação**

### **2.5.1 Projeto de Sistemas Mais Semelhantes (do inglês *Most Similar System Design*)**

A pesquisa em ciência política é tipicamente focada na causação do que x causa y – e, portanto, envolve variáveis independentes e dependentes. Uma variável independente (V.I) é um agente causal que provoca alguma mudança e traz um resultado particular. O resultado, ou consequência, do mecanismo causal é a variável dependente (V.D) (LIM 2016:114.).

Segundo Lim (2016) Esta estratégia baseia-se na comparação de casos muito semelhantes que diferem na sua variável dependente. Em outras palavras, dois sistemas ou processos estão produzindo resultados muito diferentes – por quê? A suposição aqui é que comparar casos semelhantes que trazem resultados diferentes tornará mais fácil para o pesquisador controlar fatores que não são o agente causal e isolar a variável independente que explica a presença ou ausência da variável dependente.

Um benefício dessa estratégia é que ela mantém variáveis confusas ou irrelevantes fora do mix, identificando dois casos semelhantes desde o início. Dois casos semelhantes implicaram uma série de variáveis de controle – elementos que tornam os casos semelhantes - e muito poucos elementos que são diferentes. Entre esses elementos diferentes provavelmente está sua variável independente que produziu a presença/ausência de sua variável dependente (LIM, 2016:113).

Uma desvantagem dessa abordagem é que, ao comparar entre países, pode ser difícil encontrar casos semelhantes devido a um número limitado deles. Pode haver uma aplicação mais estrita ou frouxa do modelo MSSD - as semelhanças podem ser bastante exatas ou aproximadamente as mesmas, dependendo da característica envolvida, e influenciarão seu projeto de pesquisa de acordo (LIM, 2016:148).

### 3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feito o recurso aos métodos comparativo, histórico, hipotético-dedutivo, monográfico e às técnicas bibliográfica. Segundo Gil (2008:16-17) o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenómenos ou factos, com vista a ressaltar diferenças e similaridades entre eles, o que possibilita o estudo comparativo de grandes agrupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo. Este método é usado para comparar os movimentos terroristas Boko Haram, Al-Shabaab e os Insurgentes em Cabo Delgado a fim de ressaltar algumas diferenças e semelhanças entre os mesmos.

No que refere ao Método Histórico, Vieira (2010:34) diz que é o que “consiste em investigar as causas históricas que conduziram a uma realidade presente, procurando entender como as instituições do passado moldaram a realidade, em cada estágio da história”. Com este método procurar-se-á trazer o historial do terrorismo até o continente e, em particular, a história do Boko Haram, do Al-Shabaab e dos Insurgentes em Cabo Delgado como forma de perceber a realidade actual destes movimentos e traçar perspectivas sobre os mesmos.

Com relação ao Método Hipotético-dedutivo, pode-se percebê-lo como o que “costumeiramente se utiliza em trabalhos de conclusão de curso. Os passos básicos do modelo hipotético-dedutivo de Popper incluem a formulação de um problema de pesquisa, a confecção de uma hipótese (possível solução para esse problema) e o teste de verificação da hipótese, que termina por sua comprovação (chamada por Popper de verificação) ou negação (falsificação)” (VIEIRA, 2010:33).

O Método Monográfico é para Gil (2008), o método que parte do princípio de que “o estudo de um caso em profundidade pode ser representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Estes casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc.” Este método é representativo desta pesquisa, pois trata de três casos de estudo, o Boko Haram, Al-Shabaab e os Insurgentes em Cabo Delgado, como forma de tirar juízos sobre os outros casos possíveis em África.

A Técnica Bibliográfica “é a base de todo trabalho científico, pois abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema em estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais,

revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., [...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (FONSECA, 2009:21).

Esta técnica será a base do trabalho, pois o material que foi usado para a pesquisa foi encontrado no que já foi escrito e publicado, física ou virtualmente, podendo isto ser visto nas citações e na bibliografia do trabalho.

### **3.1 Diferentes abordagens sobre as causas do Terrorismo**

A posição de Thakur citado por Radu (2007), é que a causa raiz do terrorismo não é a religião nem a pobreza, mas a falta de liberdade: “a democracia legítima, a luta pelo poder fornece válvulas de segurança”. Para além de Thakur, também há muitos que argumentam que a ligação entre terrorismo e a pobreza é muito fraca para ser considerada causal, porque um (pobreza) não leva necessariamente ao outro (a raiva do grupo); sua negação leva a dissidência à clandestinidade. “Às vezes, a força motriz por trás do ódio fanático é o desespero nascido da privação da liberdade a desumanização e o enfraquecimento do espírito” (RADU, 2007:2).

Ainda que a pobreza seja um elemento fundamental na reflexão sobre causas do terrorismo, ela por si só nunca é suficiente para levar homens e mulheres (e crianças) ao terror. Thakur (2006:233) prossegue argumentando que o fanatismo se alimenta da mágoa e a mágoa é alimentada por uma injustiça profundamente sentida. Thakur aponta que a queixa do grupo enraizada na coletividade a humilhação provoca raiva e muitas vezes leva à resistência armada: “O terror é a arma escolhida por aqueles que se ressentem de serem vítimas históricas, mas são fracos demais para fazer qualquer coisa pelos meios convencionais” (THAKUR, 2006:233).

Na óptica de Radu (2007), a busca pelas “causas profundas” do terrorismo é inútil. Ele argumenta que essa busca leva muito facilmente aos suspeitos usuais: “pobreza”, “injustiça”, “exploração” e “frustração”, embora os dados não se encaixem neste modelo. Radu (2007) destaca que Osama bin Laden era um multimilionário e que os antecedentes dos sequestradores de 11 de setembro de 2001 (11/9) indicam que eles eram, sem exceção, privilegiados.

Na verdade, Radu (2007), argumenta que o terrorismo como uma forma de violência revolucionária, sempre foi o campo de acção dos relativamente privilegiados: “Os terroristas

foram de classe média, muitas vezes de classe alta e sempre educados, mas nunca pobres.” Para apoiar seu argumento, Radu se refere aos sul-americanos Tupamaros e Motoneros dos anos 1970, a gangue alemã Baader-Meinhof, as Brigadas Vermelhas italianas, a Action Directe da França, a liderança sandinista na Nicarágua e os revolucionários cubanos de Fidel Castro.

O argumento de Radu não parece prever a possibilidade de que, mesmo que se concorde que alguns terroristas são de classe média e educados, isso não os impede de serem motivados pelas injustiças, pobreza e humilhação que observam ser sofridas por pessoas, comunidades, grupos étnicos ou religiosos com os quais eles podem escolher se identificar.

O argumento do autor é discutível de qualquer maneira, porque Radu (2007) admite que: “dizer que as condições econômicas não são a causa raiz do terrorismo não significa que não existem condições em que a pobreza se correlacionam fortemente com a violência política e o terrorismo”. É justo, ele argumenta, que esses factores são muito menos óbvios do que a pobreza e muito mais complexos de abordar.

Por outro lado, Rapport (2013:193) parece concordar com Radu (2007), ao indicar que os grupos terroristas da 4ª vaga, são movidos por questões “ideológicas e religiosas”. Esses grupos fundamentam as suas acções na ideia de propagação da sua fé, na restauração dos verdadeiros hábitos, costumes, preceitos e ditames da sua religião, na necessidade de implantação e organização de uma sociedade baseada na religião, portanto, podem se apoiar de vários factores como as desigualdades sociais, injustiças, corrupção, etc.

Na década passada, visando discutir as causas profundas do terrorismo, reuniram-se especialistas de diversas áreas em Oslo (Noruega)<sup>4</sup>, com vista a descobrir as causas do terrorismo. Descobriu-se por um lado que havia apenas uma relação fraca e indireta entre pobreza e terrorismo. Os especialistas descobriram que, no nível individual, os terroristas geralmente não vêm dos segmentos mais pobres de suas sociedades. Por outro lado, eles

---

<sup>4</sup> Os especialistas estiveram reunidos na noruega, Oslo em 2003, através da iniciativa do Norwegian Institute of International Affairs, os especialistas discutiam a raiz das causas do terrorismo, relatório produzido em inglês “*Root causes of terrorism – findings from an international expert meeting in Oslo, 9-11 June 2003*”, disponível [on-line] versão original em [http://www.nupi.no/IPS/filestore/Root\\_Causes\\_report.pdf](http://www.nupi.no/IPS/filestore/Root_Causes_report.pdf) [05.07.2005]).

apontam que a pobreza tem sido frequentemente usada como uma justificativa para terroristas revolucionários sociais, que afirmam representar os pobres e marginalizados.

Na introdução do relatório sobre as causas do terrorismo, os especialistas argumentam:

“O termo “terrorismo” é aplicado a ações de uma grande diversidade de grupos com diferentes origens e objetivos. O terrorismo ocorre tanto em países ricos quanto em países pobres, em democracias e em estados autoritários. Não existe uma única causa raiz do terrorismo, ou mesmo um conjunto comum de causas. Há, no entanto, uma série de pré-condições e precipitantes para o surgimento de várias formas de terrorismo”.

Os especialistas reunidos em Oslo argumentaram que não existe “causa raiz” única para o terrorismo, ou mesmo um conjunto comum de causas. Na verdade, eles argumentam que uma limitação da abordagem da “causa raiz” é a ideia de que os terroristas são apenas peões passivos do social, econômico e forças psicológicas ao seu redor. Eles postulam que é mais útil entender os terroristas como actores racionais e intencionais que desenvolvem estratégias deliberadas para alcançar seus objetivos políticos.

Com essas reservas em mente, os especialistas identificaram algumas condições e circunstâncias que dão origem ao terrorismo. Em seu relatório, eles fazem uma distinção entre pré-condições e o que eles chamam de “precipitantes”. As pré-condições são condições estruturais que preparam o terreno para o terrorismo.

Todavia, as condições prévias por si só não são suficientes para causar a eclosão do terrorismo. Os precipitantes são eventos ou situações específicas que afetam diretamente o surgimento do terrorismo. Os especialistas identificaram as seguintes pré-condições e factores precipitantes; O primeiro conjunto de causas são pré-condições e as últimas causas, precipitantes:

**Pré-condições:**

- Falta de democracia, liberdades civis e Estado de direito;
- Estados falhados ou fracos; modernização rápida; ideologias extremistas de natureza secular ou religiosa;
- Antecedentes históricos de violência política, guerras civis, revoluções, ditaduras ou ocupações; hegemonia e desigualdade de poder;

- Governos ilegítimos ou corruptos; poderosos actores externos que defendem governos ilegítimos;
- Repressão por ocupação estrangeira ou potências coloniais; a experiência de discriminação com base na origem étnica ou religiosa;

### **Precipitantes:**

- Falha ou falta de vontade do Estado em integrar grupos dissidentes ou classes sociais emergentes;
- A experiência da injustiça social;
- A presença de líderes ideológicos carismáticos e eventos desencadeadores como actos ultrajantes cometidos pelo inimigo,
- Guerras perdidas, massacres, eleições contestadas, brutalidade policial ou outros actos provocativos que clamam por vingança.

Um elemento comum de muitas das pré-condições e factores precipitantes listados pelos especialistas reunidos em Oslo é uma relação de poder avassaladora e desigual: um grupo forte e poderoso é colocado contra um grupo fraco e, em algum ponto, este último não vê uma forma alternativa realista de promover sua causa por meios políticos normais e, portanto, se voltam para a guerra assimétrica.

### **3.2 Leitura das origens do terrorismo a partir de Moçambique**

De acordo com Hanlon (2018b), o terrorismo (em Moçambique) resulta da privação material, particularmente a pobreza, a marginalização e a falta de perspectivas no seio dos jovens, com a religião a funcionar apenas como “ponto de encontro” ou capa. O autor salientam que Cabo Delgado é uma das províncias mais pobres de Moçambique e uma das áreas onde as megadescobertas de gás criaram expectativas não satisfeitas uma vez que as empresas internacionais ainda estão na fase de construção de uma indústria de GNL (gás natural) na zona.

Habibe, Forquilha e Pereira (2019) visualizam o oposto, nomeadamente que o Islão é um factor chave, se não mesmo o factor central por detrás da violência que se assiste no norte. Esses pesquisadores defendem a ideia de que alguns jovens muçulmanos em Moçambique foram radicalizados sob a influência de pregadores do Quénia e da Tanzânia e aproveitando-se do

contexto socioeconómico fragilizado, segurança pífia, volatilidade fronteiriça, decidiram disseminar as suas crenças por meio da *jihad*.

Outros autores concordam com a ideia de que o papel da religião e da influência exterior sobre a guerra em Cabo Delgado, entres eles destacam-se Bonatte (2009:62-63) e Santos (2020), esses apontam amplamente para o wahhabismo e os estudantes moçambicanos que estudaram em universidades Sauditas, Egípcias e Sudanesas.

No outro plano do debate sobre as causas do terrorismo em Cabo Delgado diz respeito à natureza externa da insurgência. “Muitos autores consideram-na originária do interior de Moçambique, argumentando, como vimos, que está relacionada com a pobreza local, a desigualdade e a marginalização” (GENOUD, 2021:6).

A ideia de Habibe, Forquilha e Pereira (2019), também defendida por muitos autores e ONG’s (MOSCA, 2020; MATSINHE E VALOI, 2020 e ICG, 2020) argumentam, a origem exterior ou resultado de uma influência estrangeira. O International Crisis Group, seguindo o Grupo de Monitorização da ONU, defende uma origem externa na medida em que vê a insurgência como o trabalho de militantes quenianos que reprimidos pelo governo da Tanzânia onde se tinham refugiado fugiram para Moçambique.

Uma outra visão, que tem vindo a ser propalada nos últimos tempos, trata-se da teoria da mão externa da ingerência dos assuntos domésticos, da tentativa de desestabilizar a região rica em recursos naturais. Tal visão sugere que o “actor externo” ou até mesmo interno patrocina os actos terroristas amedrontando e expulsando as populações assentadas nas zonas dos recursos e como moeda de troca esse “actor ou mão invisível” fornece a segurança privada ou trabalho mercenário em troca dos recursos naturais.

Nuvunga (2020) analisa algumas dessas “teorias”. O pesquisador do CDD afirma que “a implantação dos grupos terroristas al-Shabab e Estado Islâmico com pretensões de instalar a Lei Islâmica, os interesses corporativos da indústria petrolífera e o lobby de Erik Prince, um antigo operativo da elite militar americana agora à frente de uma proposta empresarial privada para pacificar Cabo Delgado, são consideradas, até aqui, por académicos, imprensa e sociedade civil, como as motivações que explicam a insurgência armada na província potencialmente mais rica de Moçambique”.

Na óptica de Santos (2020) existem seis (6) possíveis cenários do conflito em Cabo Delgado, destacando-se a possibilidade de “Antigos detentores de poder e recursos estejam contra os interesses dos novos poderosos”, segundo o autor:

Este cenário representa um tipo de conspiração militar apoiada por assistência de segurança externa, por exemplo pelo FSG de Eric Prince e dos seus apoiantes, liderados pelos membros do grupo de Guebuza que, durante muito tempo, foram os anteriores detentores do poder. Teria o duplo objectivo de destruir qualquer sonho secessionista à nascença e consolidar o domínio dos «sulistas», e controlar a riqueza extractiva de Cabo Delgado sob o lema da unidade nacional. A sua motivação estratégica pode incluir a vingança contra um «tribalista» indesejado novo no poder, mas também a prevenção da erosão do domínio histórico dos ‘sulistas’ sobre os recursos políticos e económicos de todo o país, associados ao medo de tais perdas. Na nossa análise, consideramos realista e provável este cenário, que parece ter um número considerável de adeptos em Cabo Delgado e não só (SANTOS 2020, p. 14).

Santos (2020) refere a possibilidade de ser “Revolta muâni inspirada pelo islamismos contra a dominação maconde e da Frelimo”. No argumento de Santos:

Este cenário implica uma tentativa militar de reafirmar o modo de vida e a religião dos falantes de outras línguas que não o maconde em Cabo Delgado. Dialectos do grupo linguístico macua, a que pertence o muâni, são falados pela maioria dos moçambicanos, também em Cabo Delgado. E o Islão é, segundo o censo populacional de 2017, de longe a religião dominante em Cabo Delgado, tanto nas zonas urbanas como zonas rurais, seguida pelo catolicismo. Este cenário pressuporia uma rebelião da maioria muçulmana da costa suaíli contra o regime minoritário que representa o estado da Frelimo, considerado opressivo e corrupto. Dois pormenores podem servir de indicadores. Em primeiro lugar, muitos dos insurgentes parecem ser falantes de muâni ou suaíli e, em segundo lugar, parecem estar a recrutar seguidores na província adjacente de Nampula, predominantemente nas zonas e distritos costeiros, com uma grande afinidade cultural e religiosa com os de Cabo Delgado. Uma «aliança de conveniência» com as FDA, o ISIS e/ou os rebeldes da costa suaíli tanzaniana seria interpretada como um reforço do poder bélico dos rebeldes e visaria promover o Islão como religião predominante. Este cenário é, a nosso ver, realista e provável, também porque implica um enraizamento na cultura local (SANTOS 2020: 14).

Uma última visão que vem ganhando cada vez mais espaço no meio mediático e académico, trata-se da possibilidade de uma “guerra de distração” para o que Santos (2020) chama de “Aliança entre negócios ilícitos e islamistas armados”, e Nuvunga (2020) chama de “a face oculta”.

Essa visão vê no terrorismo um meio de distração enquanto os reais objectivos de implantação de um proto-Estado estão ocultos. Segundo Ahmad (2017: 619-620) existe uma ligação entre negócios ilícitos de empresários locais e movimentos islâmicos, sugerindo que a anarquia que resulta de conflitos violentos e a ausência do estado aumentam os custos de transação das operações dos empresários e reduzem a sua margem de lucro.

Apoiar um movimento muçulmano radical e colaborar com ele, segundo Ahmad, dá aos empresários a possibilidade de criar um mercado negro mais bem regulamentado para transações ilícitas em que tanto o movimento islâmico como a comunidade empresarial obedecem às regras e recolhem benefícios. O movimento islâmico recebe apoio material e financeiro, enquanto a comunidade empresarial ganha segurança em transações ilícitas e «fica isenta» das obrigações de pagamento de impostos ao estado, o que aumenta a sua margem de lucro.

De acordo com Santos (2020: 12) em Cabo Delgado, há condições favoráveis para que se verifique esse cenário. “Em primeiro lugar há um vínculo histórico entre o CISLAMO (Comunidade Islâmica de Moçambique) de tendências ao wahabbismo com a comunidade empresarial do norte de Moçambique, composta sobretudo por empresários moçambicanos não africanos, geralmente de origem indiana ou paquistanesa vulgarmente conhecidos como *monhés*”.

Santos (2020) refere que “Muitos deles estão intrinsecamente ligados ao partido Frelimo e apoiam este partido, que mesmo aos níveis superiores das chefias não só ignora o envolvimento desse grupo no comércio ilícito por exemplo, a heroína pela costa de Cabo Delgado e Nampula como também lucra directamente com esse comércio. Alguns desses empresários, conhecidos por perspectivas radicais da *jihad*, estabeleceram negócios nos EAU (Emirados Árabes Unidos) que se tornaram um paraíso para evasão fiscal e lavagem de dinheiro. As suas mansões semi-terminadas no subúrbio de Belo Horizonte, em Boane, uma cidade vizinha de Matola podem ser um indicador do declínio de sua taxa de lucro”.

Este ponto especificamente é amplamente defendido nos últimos tempos, só para se ter uma ideia Hanlon (2018a) e Hanlon (2018b); Nuvunga (2020); Hensen (2018), apontam para a instrumentalização dos jovens desfavorecidos com intuito de desestabilizar a região e com isso lucrar com o tráfico e outras actividades ilícitas.

Segundo Nuvunga (2020) “o tráfico de drogas pesada e a extracção ilegal de recursos” não são enquadrados na equação das causas do terrorismo. O pesquisador argumenta que “conforme documentado por relatórios internacionais e apreensões frequentes da Polícia, a costa de Cabo Delgado é um corredor importante de drogas na África Oriental desde os anos 90, posição ampliada recentemente após a Tanzânia e o Quênia reprimirem as redes de tráfico o que as impeliu para as águas moçambicanas”

Segundo Nuvunga (2020) o Gabinete de Informação Financeira de Moçambique (GIFIM) usa como base os cálculos de pesquisas independentes que estimam que a droga que passa por Moçambique vale 600 milhões de dólares por ano, uma economia superior ao valor desembolsado pelos parceiros de cooperação, bem acima das receitas de algumas das principais commodities de exportação.

Deste valor 100 milhões ficam na teia da corrupção em Moçambique, composta por políticos influentes ligados à Frelimo, barões de droga locais e funcionários do Estado afectos à Polícia, Migração e Alfândegas. Nuvunga (2020), conclui que o tráfico de drogas estão por detrás de toda a violência que se vive em Cabo Delgado.

### **3.2.1. Terrorismo em Moçambique e sua relação com Democracia, Participação e Representação Política**

Partindo da ideia de que a democracia gera consenso e reduz os conflitos violentos. Pode se afirmar que apesar de Moçambique não é dos maiores exemplos da democracia no mundo o país é dos menos trabalhista na composição dos membros da cúpula governamental. Desde a criação do primeiro governo independente sempre se teve o cuidado de se manter uma proporcionalidade étnico-tribal com vista a anemizar clivagens e gerar linhas divisórias no país.

Desde a introdução da constituição multipartidária e com as primeiras eleições as queixas de falta de representação de um grupo étnico na Assembleia ou nas instituições governamentais tem diminuído ano após ano. Sendo a descentralização e as eleições locais o pivô dessas mudanças em que os partidos políticos, órgãos da sociedade civil, ONG's tem feito forte apelos para uma maior participação política das pessoas em todo os cantos do país.

Portanto, não existem dados muito menos estudos que indiquem que o terrorismo em Moçambique resulta da falta de democracia, participação política ou representação.

## 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 Apresentação e comparação dos grupos terroristas

#### 4.1.1 Boko Haram

Boko Haram é visto de várias formas, como um grupo terrorista internacionalmente conhecido, que perpetua ataques regulares na Nigéria, mas também em países vizinhos, como os Camarões (GALITO 2017, p. 4). Ou como uma organização que luta contra a “educação ocidental” através de uma ideologia fanática e segregacionista por parte de alguns sectores muçulmanos que patrocinam acções destruidoras e desestabilizadoras na Nigéria (OMOERA e OGAH 2016:68).

O Boko Haram também é visto como “um rótulo para toda a violência na região dos três países onde operam, sem discutir sua origem real, e como uma palavra que disfarça uma gama de dinâmicas políticas não relacionadas” (COHEN 2015:71). Galito (2015:\$) acrescenta que mais do que fundamentalistas os membros do Boko Haram são extremistas religiosos pois não medem meios para atingir os seus objetivos postura que é contrária aos ensinamentos do Corão.

Boko Haram é a designação em hausa para a “educação ocidental é pecado/proibida” a designação oficial do grupo é *Jama'atul Alhul Sunnah Lidda'watiwal Jihad*, o que segundo Galito (2017) traduzido do árabe para o português significa “pessoas empenhadas na propagação dos ensinamentos do Profeta [Maomé] e da *jihad*”. Portanto, os membros do Boko Haram consideram-se *jihadistas*. São tidos como contrários aos valores cristãos, daí a razão do grupo fazer ataques suicidas a igrejas ou raptarem estudantes (sobretudo raparigas) de escolas que não sejam muçulmanas para evitar o choque cultural e os ensinamentos contrários aos da comunidade.

Omoera e Ogah (2016:68) afirmam que “Boko Haram dominou a tarefa de hipnotizar a política nigeriana desde Julho de 2009 através de uma grande escala de derramamento de sangue, discurso ambíguo, discurso de ódio, violência, entre outras atitudes barbáricas”. Inicialmente, o grupo propagou a doutrina de “odiar tudo que vem do Ocidente” na sociedade nigeriana, educação Ocidental e influências culturais de seguida questões como o *status* secular da Nigéria e os cristãos passaram a incorporar a agenda do grupo”.

O Boko Haram surgiu na Nigéria entre 2002-2003 no início, argumentam Omoere e Ogah (2016:70) o movimento fanático havia sido pensado para ser meramente um protesto contra os efeitos corrosivos de todos que persistiram pela modernização da Nigéria nos moldes ocidentais. No entanto, os efeitos maléficos da corrupção, a total falta de segurança e bem-estar social, a persistente corrupção, o colapso da moral pública, a injustiça, etc., talvez tenham emponderado a seita do Boko Haram a ganhar adeptos e simpatizantes especialmente entre a juventude nigeriana.

Essa última constatação sobre os efeitos maléficos da corrupção, exclusão política e pobreza também têm sido apontadas como uma das principais motivações na criação e radicalização de grupos terroristas na África Subsaariana.

Cohen (2015) argumenta que o grupo que se auto-define como *Jamaatu Ahlis Sunna Liddaawati Wal Jihad*, que se traduz como "**Grupo para a Propagação dos Ensinamentos do Profeta e para a Jihad**", popularmente conhecido como Boko Haram se originou em 2003 dentro de um grupo conhecido como "Talibã da Nigéria." Todavia, para Galito (2015:4) a denominação de Talibã da Nigéria constitui um rótulo atribuído pelas populações em função das suas ideologias e métodos, o grupo depois aproveitou-se do *slogan* por gerar interesse internacional por causa das guerras dos EUA e seus aliados no Afeganistão e no Iraque.

O Boko Haram foi criado no seio da comunidade islâmica do norte da Nigéria em meados dos anos noventa do séc. XX. Primeiro enquanto grupo de estudo dos textos sagrados do Islão, tendo radicalizado a sua posição também ao nível operacional no início da década de 2000. Em 2002 estes estudantes do Islão eram praticamente desconhecidos quando um dos membros Mohammed Ali, começou a fazer propaganda de uma nova *hijira*<sup>5</sup>(GALITO 2015:7).

A ideia do apelo-propaganda do Mohammed Ali segundo a autora, era convencer aos jovens a integrarem a *hijira* para viverem numa sociedade separada do "sistema corrupto nacional" sob a "verdadeira" lei islâmica (a *Sharia*). Isto levou a choques com a polícia e agentes da autoridade em Dezembro de 2003 por causa de direitos de pesca culminando com o roubo de

---

<sup>5</sup>Num gesto simbólico com referência à partida do Profeta Maomé de Meca para Medina, sendo que eles deveriam fazer de Maiduguri (estado de Borno) para Kanama (estado de Yobe)

armas aos agentes da polícia. Em retaliação, as forças armadas desencadearam um cerco à mesquita em Kamama tendo como saldo à morte de setenta (70) membros do Boko Haram, incluindo Mohammed Ali.

Após este incidente em Kamama, ou seja, após o confronto com as forças armadas e a consequente morte do primeiro líder Mohammed Ali, o grupo segundo Cohen (2015:72), passou a usar o nome Yusufiyya, ou a irmandade Yusuf até pelo menos 2009 e era liderado por Mohammed Yusuf recém-chegado da Arábia Saudita. A morte de Yusufiyya em 2009 criou a dispersão do grupo e entre os que sobreviveram à repressão muitos se refugiaram nas colinas de Gwoza e nas montanhas de Mandara de onde se reagruparam sob liderança de Abubakar Shekau.

Em vídeos de 2015 de acordo com Cohen (2015) o grupo se auto definiu como o *Wilayah*<sup>6</sup> da África Ocidental. Mas a partir de outubro 2015 observa o autor que apenas uma facção ainda usava o nome *Jamaatu Ahlis Sunna Liddaa wati WalJihad*. A comunidade internacional e Amnistia Internacional concordam que o objectivo último do grupo é remover o governo secular da Nigéria e substituí-lo por um governo baseado no Islão e pela Sharia.

Entretanto, o plano de remoção do governo secular substituindo-o por um governo teocrático centrado no Islão e pela jurisprudência islâmica (Sharia) é colocado em causa quando Omoere e Ogah (2016) questionam que a deliberada e fanática destruição de todas as estruturas institucionais disponíveis, a matança de inocentes tanto cristãos quanto muçulmanos e a inviabilização de valiosas infra-estruturas em diferentes partes do país trazendo à tona o enigma de qual é de facto o seu verdadeiro intuito em relação à própria existência do Estado nigeriano.

Galito (2017) argumenta que os objectivos do grupo são bem claros. A autora faz um extracto dos discursos a quando da reivindicação dos ataques ou a comunicados de imprensa do grupo, sendo eles:

«Nós somos responsáveis pelo ataque suicida a uma igreja de Jos e a outra igreja em Biu.»; «O Estado da Nigéria e os Cristãos são nossos inimigos e nós vamos continuar a atacar o Estado da Nigéria e o seu

---

<sup>6</sup> Termo árabe é território que corresponde a uma região político-administrativa relativamente autónoma de uma unidade maior, podendo ser entendida como uma província ou um estado.

aparato de segurança, bem como igrejas, até conseguirmos o nosso objetivo que é estabelecer um estado islâmico no lugar do estado secular.» (Abdul Qaqa *apud* Osun Defender, 11/06/2012)

«Professores que ensinam a educação ocidental? Nós os mataremos! Nós os mataremos em frente aos seus estudantes; e diremos aos discentes para estudarem o Corão.» (Abubakar Shekau *apud* Mark, 2013)

Segundo Paladini (2014:2) existem alguns factores que podem estar por detrás da violência do Boko Haram, a autora refere que, o país (Nigéria) pode ser dividido em duas regiões: o Norte de maioria islâmica domina a política e o Sul de maioria cristã domina a economia. Pode-se também dividir os problemas em político/ econômico e étnico/religioso.

Segundo Cardoso, Rosa e Santos (2012:2) a Nigéria, em 2010, foi o 10º maior produtor de petróleo do mundo, com grandes reservas na Região do Delta do Rio Níger localizada no Sul do país. No entanto, o alto nível de pobreza associado à corrupção torna a quase inexistente distribuição de renda um problema crônico. E como consequência “apesar de ser um dos países de maior produção de petróleo a desigualdade social é grande facilitando assim a actuação de grupos com interesse no poder, pois o Estado se mostra muito corrupto e omisso a várias necessidades da população.

Já os problemas de carácter étnico/religiosos se dão por conta dos constantes desentendimentos entre muçulmanos (Norte) e cristãos (Sul) que vêm se intensificando desde 1999 quando alguns estados do Centro e do Norte implantaram a Sharia em desrespeito ao Estado laico nigeriano. E nessa vertente o Boko Haram Segundo Walker (2012, p. 7) é talvez, contra aqueles que no Norte da Nigéria são conhecidos como “yan boko” que se refere à elite criada pela política de leis indiretas usada pela Grã-Bretanha para a colonização da Nigéria – pessoas que tinham as cabeças viradas para longe de Allah devido ao dinheiro fácil e direcionadas para os corrompidos valores ocidentais.

Segundo Paladini (2014:3) o Boko Haram surgiu influenciado pelo antigo grupo islâmico Maitatsine, que surgiu na década de 1980 com uma atitude agressiva contra a influência ocidental e às autoridades governamentais, sendo o primeiro a tentar impor uma ideologia religiosa na Nigéria. O Boko Haram além de se apropriar das ideias do Maitatsine, estabeleceu ligação com a Al-Qaeda e com outros grupos *jihadistas* africanos. Seu principal objetivo é criar um estado islâmico na Nigéria e para isso, procura fazer com que seus seguidores acreditem que esta seria a solução para a corrupção e a má governança no país. A autora refere que:

A região Norte do país é o centro de poder e da atuação do Boko Haram e o discurso do grupo numa área de ampla diversidade étnica e extremamente politizado, contempla grande parte da população. A influência do Boko Haram é tanta que em sua área de influência (Norte do país) a população acredita que é o governo actual que está por trás das actuações do grupo. Para agravar essa situação, além do presidente Jonathan Goodluck ser originário do Sul, as acções militares tem provocado a morte de diversos civis, fazendo com que a população acredite que o governo deseja destruir económica e politicamente o Norte (PALADINI 2014:4).

#### **4.1.2 Recrutamento e razões para luta dos que se juntam ao movimento**

O grupo é originário dos estados islâmicos mais pobres do Norte da Nigéria. Uma região acossada pela pobreza, desemprego e explosão demográfica; sob escassa supervisão das autoridades locais, por corrupção, por desleixo, falta de cooperação com as populações autóctones, divisões étnicas e/ou religiosas ou por falta de meios para monitorar tão grande área tornando fácil o processo de recrutamento (GALITO 2015).

Cohen (2015:75) toma a mesma linha de Galito (2015) ao afirmar que o início do Boko Haram, muitos analistas descreveram a pobreza como a principal motivação para se juntar a eles. Muitos segundo Cohen acusaram sistematicamente *almajiris*, alunos de escolas criadas por auto proclamados professores religiosos; crianças de rua desaparecidas após os ataques reapareciam como combatentes descalços sujos e vestindo farrapos.

Cohen (2015) argumenta ainda que o movimento pode ter usado incentivos financeiros para afastar as crianças de rua dos cuidados dos *malams*. Outros os que se uniram à insurreição antes de 2009 não tiveram oportunidades profissionais nem mesmo os instruídos, tornando impossível para eles melhorarem sua situação senão por vias do banditismo.

(...) a maioria da população concorda com esse julgamento, uma vez que o regime "democrático" permitiu a corrupção e os abusos da elite, em meio à pobreza cada vez mais disseminada. O Boko Haram ofereceu um canal para o sentimento de frustração de seus seguidores e a opressão liderada pelo governo. O engenheiro que virou vendedor gravou simbolicamente seu diploma na frente de Shekau. Da mesma forma, os seguidores rejeitam a modernidade e o mundo ocidental ao recusar certos estilos de vestuário e repudiar instituições governamentais (COHEN 2015:76).

Essa marca de exclusão política e económica são característica dos países da África Subsaariana onde emergem os movimentos terroristas os jovens com poucas soluções e saídas para a pobreza facilmente integram a esses movimentos uma vez que estes se sentem rejeitados e facilmente

são convencidos a entrar em círculos extremistas principalmente quando estes emanam de líderes religiosos que gozam de algum prestígio.

Chothia (2015), afirma que o recrutamento ocorre cada vez mais por conscrição. Isto é, os moradores das vilas são forçados a aderir em massa ao grupo sob ameaça de serem assassinados. O contrato de gangues e criminosos pagando-os por ataques, às vezes com uma parte das riquezas pilhadas constitui outra forma de recrutamento. Cohen (2015) também observou o mesmo cenário de um contrato entre gangues criminosas locais com o Boko Haram .

Chothia (2015) aponta que o International Group Crisis considera que os laços étnicos são muito fortes na Nigéria. A maioria dos combatentes do Boko Haram são kanuria, etnia do líder do grupo Abubuakar Shekau. Isso sugere que ele goza de influência sobre líderes tradicionais do nordeste do país.

#### **4.1.3 Combatentes Efectivos**

Diversos autores da C.I (Comunidade Internacional), incluindo o IGC (International Grup Crisis) e a Amnistia Internacional apontam que o Boko Haram possui nas suas fileiras cerca de 9000 combatentes. É responsável por mais de 80% dos ataques terroristas e de 70% das fatalidades entre 1970 e 2013, na Nigéria. A sua luta intensificou-se após 2009 e desde então fez mais de 20.000 vítimas mortais.

#### **4.1.4 Financiamento**

Segundo Galito (2017) o grupo possui várias fontes de financiamento. A autora afirma que parte dos recursos naturais do país está sob sua vigilância e controlo. Também obtém fundos e apoios de organizações terroristas afiliadas ou congéneres.

Possui ligações com à Al-Qaeda, AQIM (Al-Qaeda do Magrebe Islâmico) e o auto proclamado Estado Islâmico do levante e Daesh (IS); com o Al-Shabaab da Somália, o Ansar Al-Dine do Mali e o Movimento Unicidade da *Jihad* na África Ocidental (MUJAO) que opera ao norte do Mali e a sul da Argélia e a Ansaru, uma célula que se autonomizou recentemente do núcleo principal. Outras formas incluem os saques aos bancos a quando da invasão das cidades.

Em 2012, autoridades militares da Nigéria acusaram o Boko Haram de extorquir dinheiro de empresários, políticos e figuras do governo. Eles os ameaçavam de sequestro se não pagassem as quantias exigidas. Chothia (2015) argumenta que autoridades americanas estimam que os militantes recebam até US\$ 1 milhão pela libertação de um milionário nigeriano.

Mas quando a vítima é estrangeira, a quantia obtida pode ser muito maior: o Boko Haram recebeu US\$ 3 milhões de resgate para libertar uma família francesa de sete pessoas capturadas no norte de Camarões em Fevereiro de 2013. Com essas fontes de financiamento, estima que os rendimentos anuais da rede do Boko Haram cheguem a US\$ 10 milhões (IGC).

De acordo com Paladini (2014) às fontes de financiamento do grupo não são claras. Os bancos que o grupo atacou e roubou foram supostamente as principais fontes de recursos no estágio inicial de sua atuação. Actualmente sabe-se que as elites nigerianas também são fontes de dinheiro para o Boko Haram não somente por simpatizarem com suas propostas, mas também decorrente de extorsão. Sem provas concretas mas com claras evidências, há também indicações de fundos vindos da Al-Qaeda e do Al-Shabaab da Somália.

#### **4.1.5 Armamento**

De acordo com Chothia (2015) o grupo invadiu muitos postos de polícia e bases militares na Nigéria obtendo assim um bom arsenal incluindo blindados de transporte de tropas, camionetas pickup, lança-foguetes e fuzis de assalto. Além disso, segundo o IGC citado por Chothia (2015) indica que existem fortes indícios de que o grupo mantém fortes laços com contrabandistas de armamentos que operam na vasta região do Sahel (faixa de aproximadamente 600 quilômetros de largura e 5,5 mil quilômetros de extensão, que corta o norte da África logo abaixo do deserto do Saara e acima da savana do Sudão).

Crê-se que muitas dessas armas teriam sido contrabandeadas da Líbia, onde arsenais foram saqueados durante a revolta que levou à queda do coronel Muamar Khadafi em 2011. Porém, boa parte das bombas usadas pelos militantes islâmicos são improvisadas, construídas com materiais baratos e de acesso relativamente fácil. (IGC, 2020). Chothia (2015) refere que:

Seus especialistas em explosivos, segundo o analista de segurança nigeriano Bawa Abdullahi Wase, são universitários recém-formados que não conseguiram empregos. Além disso, recentemente o grupo saqueou fábricas de cimento em busca de dinamite e artefatos explosivos.

#### **4.1.6 Tentativas de combate ao Boko Haram**

O governo declarou estado de emergência em 2013 em três Estados nortistas mais afetados pela campanha insurgente. As forças do governo também armaram grupos de vigilantes que operam em regiões remotas onde a presença militar é mínima. Acredita-se que por via disso o Boko Haram fora empurrado de Maidaguri e vilarejos vizinhos para a vasta região das florestas de Sambisa, ao longo da fronteira com Camarões. Mas os militantes responderam com uma nova ofensiva que deu a eles o controle de um território de dimensões equivalentes ao da Bélgica. (CHOTHIA 2015)

Segundo Galito (2017) se o Boko Haram tiver sucesso em suas ambições territoriais conquistando cidades no Níger, no Chade e em Camarões, como ameaçou seu líder o conflito pode tomar uma dimensão internacional. A França pode por exemplo se envolver mais diretamente no conflito para proteger suas ex-colônias. Até agora Camarões tem tido relativo sucesso em repelir os ataques do Boko Haram, apesar de ter um Exército muito menor que o da Nigéria que vem sendo criticada por não usar bem sua vantagem numérica.

#### **4.1.7 O Boko Haram e a ligação com o Estado Islâmico**

Segundo Galito (2015) Abubakar Shekau, o líder do Boko Haram, se referiu ao líder do autodeclarado “Estado Islâmico” Abu Bakr al-Baghdadi em um vídeo como “califa”. Ele também elogiou Ayman al-Zawahiri, liderança da rede extremista Al-Qaeda que disputa com o “Estado Islâmico” a lealdade dos jihadistas ao redor do mundo. Porém, Shekau não jurou aliança a nenhum dos dois grupos.

Ele costuma elaborar suas mensagens nas línguas hausa, árabe e kanuri, mas em um recente vídeo no qual elogia os ataques contra a revista satírica Charlie Hebdo em Paris o discurso foi feito totalmente em árabe, o que leva aos analistas a acreditar que o grupo nigeriano esteja buscando ter um apelo mais internacional. Laços fortes com grupos jihadistas globais dariam um ímpeto maior à campanha do Boko Haram (CHOTHIA 2015).

#### **4.1.8 Modus operandi**

Segundo Amnistia Internacional o grupo está dividido em várias facções que operam de forma autônoma pelas regiões norte e central da Nigéria. O centro de estudos Grupo de Crise

Internacional (IGC na sigla em inglês) citado pela Amnistia Internacional estima que sejam seis facções ao todo.

A mais organizada e impiedosa opera no Estado de Borno, onde o Boko Haram capturou grandes faixas de território. A estratégia usada pela milícia é enviar centenas de combatentes comuns para uma cidade ou vilarejo. Eles com frequência conseguem superar numericamente as mal supridas forças do Exército nigeriano que acabam se retirando. Em seguida, combatentes mais experientes do Boko Haram conquistam o território.

#### **4.2 Al-Shabaab da Somália**

O surgimento do Al-Shabaab<sup>7</sup> somaliano é apontado remotamente a partir da queda do ditador Mohamed Siad Barre em 1991 dando o começo da guerra civil da Somália (que dura até hoje). A milícia Al-Shabaab passou a controlar por anos grande parte da capital Mogadíscio e grandes áreas no centro e sul do país.

Concretamente o grupo foi fundado em 2004 depois da queda da União dos Tribunais Islâmicos (UTI) nas mãos do Governo Federal de Transição (GFT) e seus aliados, especialmente as forças armadas da Etiópia durante a Guerra da Somália (2006-2009). Esta derrota fez crescer o sentimento anti-ocidente e anti-etíope especialmente entre os somalis do centro e sul assim, estima-se que 3 000 membros ou mais da UTI tenham entrado na clandestinidade e formado uma insurgência com células armadas na capital Mogadíscio, e por todo o país passando então a conduzir ataques contra o governo e as forças etíopes.

Ali (s/d:44) argumenta que “aparentemente, desde que os Estados Unidos designaram Al-Shabaab como uma organização terrorista muitos somalis do sul que simplesmente não gostam das forças armadas etíopes na Somália se juntaram à frente incluindo dezenas de soldados do governo fortemente equipados do sul”.

---

<sup>7</sup>O termo Shabaab ("juventude") é comum a diversos grupos de jovens ao redor do mundo islâmico, e o movimento não deve ser confundido com outras organizações homônimas. Mesmo aquelas que se inspiram no Al-Shabaab somaliano como o autoproclamado Al-Shabaab de Moçambique.

Lind, Mutahi e Oosterom (2015:18) constataram o mesmo sobre o Al-Shabaab no Quênia. Os autores afirmam que esta organização pode ser rastreada desde o início do grupo em 2006, após o fim da União dos Tribunais Islâmicos que governou brevemente partes do sul da Somália antes de ser retirado do poder pelas forças Etíopes apoiadas pelos Estados Unidos. Ali (s/d) caracteriza o grupo como fanático, activo, armado e politizado que opera nominalmente sob a bandeira da UTI.

O autor referencia que:

(...) mais de 95% de sua liderança e classificação são originários das regiões centrais, sendo ela, uma organização muito flexível, com várias células que não possui nenhum programa especificamente escrito ou declarado, além de criar e impor a doutrina wahhabi estritamente islâmica na Somália, e com o objetivo expresso de expandi-la para o resto do Chifre da África a tempo e, eventualmente, em vários cantos do continente africano (propriamente). (Ali s/d:1).

#### **4.2.1 Objectivos e Reivindicações do Al-Shabaab Somaliano**

O grupo não possui um objectivo último muito “claro” a não ser estabelecer um Estado com base na Sharia nos territórios que compreende a Somália, Etiópia e Quênia. Entretanto Ali (opa cit) aponta alguns objetivos estratégicos do grupo, sendo o mais importante o estabelecimento de um califado somaliano da seita islâmica wahhabi nas regiões do Chifre da África, habitada por somalis, por meio de intervenção militarizada, aproveitando o vácuo no estado fracassado da Somália e usando as estratégias estratégicas da Etiópia e dos Estados Unidos.

O segundo objectivo é usar as intervenções feitas na Somália como pontos de encontro e um elemento motivador entre os jovens somalis como força motriz do recrutamento e sentimento nacional de descontentamento.

Terceiro, a organização aspira a dominar a Somália e espalhar sua ideologia por todo o Chifre da África e depois para a África Central, do Sul e Oriental em geral. A organização tem como objetivo remover a influência ocidental no Chifre da África e eventualmente na África, ao espalhar as crenças islâmicas wahhabi e no processo, liquidar todas as outras formas do Islão tradicional que tem sido a norma em muitas partes do leste da África.

Ali (s/d); Lind, Mutahi e Oosterom (2015) apontam como o último objectivo a partir dos métodos violentos e muitas vezes destrutivos de cometer operações violentas, a organização

acredita na criação de um núcleo de reduto da seita wahhabi na Somália que criaria um Estado Islâmico dos somalis na Somália, Djibuti, Quênia e Etiópia.

#### **4.2.2 Ideologia, Liderança e Relação Com Outros Movimentos Terroristas**

A Liderança Al-Shabaab é descentralizada, geralmente com níveis vagamente coordenados de liderança que giram em torno das aldeias locais e líderes religiosos que são guiados por esses estudiosos para interpretar o significado da *Jihad* e do Alcorão em termos específicos, bem como para a orientação do conflito armado contra o TFG e as forças de segurança etíopes e outras forças africanas de manutenção da paz presentes em Mogadíscio como a AMISOM. No passado, segundo a Amnistia Internacional o grupo costumava estar em conflito com os líderes religiosos tradicionais, mas os radicais parecem dominá-los agora.

O Al-Shabaab possui ligações o Al-Qaeda, não há dúvidas quanto a isso, a extensão das mesmas é no entanto questionável, segundo Pereira (2013). Há opiniões divergentes, alguns advogam que os vínculos são mais ideológicos outros defendem que a orientação e apoio logístico designadamente em termos de armamento e treino são uma realidade.

Há inclusive autores que chamam a atenção para a possibilidade de alguns dos combatentes estrangeiros presentes na liderança do grupo, designadamente na Shura, pertencerem à Al-Qaeda, principalmente depois da morte do líder Aden Hashi Ayro e da liderança cada vez mais consolidada de Abdi Godane notório simpatizante do grupo terrorista internacional (PEREIRA, 2013, p. 19).

#### **4.2.3 Financiamento**

Segundo Pereira (2013, p. 29) uma das formas que os grupos terroristas como o Al Shabaab utiliza para se financiar são os chamados impostos de proteção. A autora verifica que entre os grupos terroristas que controlam determinados territórios a prática de extorsão designadamente através das chamadas redes de proteção, que funcionam como impostos cobrados principalmente a comerciantes e empresários, daquilo que eles denominam de imposto revolucionário.

O Al Shabaab não foge a regra sendo conhecido por cobrar taxas de passagem e de proteção nos territórios que controla a empresários e mesmo agentes humanitários desviando inclusive parte da assistência humanitária favor do grupo.

Outra fonte de financiamento no caso do Al-Shabaab é das mais problemáticas, é o envio de remessas da diáspora. Segundo Pereira (2013: 30) a diáspora pode estar a patrocinar actividades terroristas através do envio de remessas para familiares na Somália que, por sua vez apoiam o terrorismo ou mesmo diretamente através do envio de fundos para a Al-Qaeda ou a Al Shabaab, designadamente através do sistema de transferência de dinheiro *hawala*, um método muito comum em países islâmicos com fraca rede bancária.

#### **4.2.4 Recrutamento**

Pereira (2013:26) observa que tradicionalmente os motivos de adesão a estas organizações terroristas são variados todavia, pode se dizer que a semelhança do Boko Haram por norma estão associados à revolta com condições sociais degradantes, humilhações culturais, sentimento de injustiça, desigualdades, xenofobia, etc. quanto a isso Lind, Mahati e Oostrem (2015:10) notam que isso é verificado com frequência no Quênia:

O bairro de Nairóbi, em Eastleigh, tornou-se, de várias maneiras, um microcosmo da dinâmica entre o estado do Quênia e sua população somali. Em primeiro lugar, o estado costuma atacar Eastleigh com suas medidas de segurança. Em segundo lugar, os actores governamentais geralmente promovem um discurso que criminaliza a identidade somali. Eles imputam vínculos entre a riqueza somali em Eastleigh e actividades ilegais e crime, enquadrando novamente a presença somali como uma questão de segurança. (...)

Esses sentimentos gerados por motivos situacionais cria base para um fácil recrutamento e adesão as fileiras dos grupos terroristas. Segundo Pereira (2013:26) o recrutamento tende a ser directo em que o elemento a recrutar é contactado diretamente, sobretudo nas mesquitas ou nas escolas corânicas (madrassas) ou indirecto, muito utilizado pelo Al-Qaeda.

No segundo método [indirecto], não existe uma abordagem inicial, segundo autora há porém uma actuação com vista a influenciar crenças e sentimentos que favoreçam o recrutamento através da divulgação de cassetes de vídeos da internet e da media social.

Uma outra forma de recrutar é por meio de promessas de salários e soldos. Para o Al-Shabaab, a invasão Etíope e aliados em 2006 deu um novo ímpeto aos esforços de recrutamento do Al Shabaab que na altura se assumia como uma organização nacionalista com capacidade de lutar contra o inimigo invasor.

Durante o conflito com a Etiópia a maioria dos voluntários do grupo eram jovens com pouca educação que pretendiam acima de tudo defender a sua família e o seu país aparecendo o nacionalismo como principal motivação para se juntarem ao Al-Shabaab. No espaço de um ano, o grupo teve um *boom* de recrutamento que lhe permitiu passar de uma pequena milícia para uma força de resistência poderosa por toda a Somália (PEREIRA 2013:27).

Entretanto, os ataques perpetuados a partir de dezembro de 2009 durante a cerimónia de Graduação na Universidade de Mogadíscio, a destruição de túmulos de santos sufis, as formas de punição do grupo face ao incumprimento das práticas islâmicas de inspiração wahhabista (amputações, apedrejamentos, etc) ou mesmo o desvio ou controlo da assistência humanitária, são exemplos de acções do Al-Shabaab que começaram a lhes custar o apoio popular.

Embora tais acções custe o apoio popular ao grupo, Pereira (2013) nota que ele ainda recruta muitos elementos em território nacional fazendo cada vez mais através da coação quer seja através de ameaças ou através de pagamentos mostrando-se os salários ao fim do mês como uma das principais motivações para a adesão ao grupo. A maioria dos jovens que são recrutados pela força possuem pouco treino militar e mostram-se muito propensos a desertarem. Para além disso, muitos pertenciam a clãs e fações de milícias e de senhores da guerra associados ao banditismo.

### ***Linha do tempo do Al- Shabaab***

**1991** – O regime de Siad Barre cai, no seguimento de uma aliança de clãs. A consequente luta pelo poder entre dois dos principais senhores da guerra somalis, Mohamed Farah Aideed e Ali Mahdi Mohamed, leva a um clima de insegurança sem precedentes no país e uma situação humanitária dramática.

**1991** – O ex-protectorado inglês da Somaliland declara unilateralmente a sua independência do resto da Somália

**1992-** os Estados Unidos, com a concordância do Conselho de Segurança das Nações Unidas, oferecem-se para liderar uma operação com 24 Estados com o objectivo de assegurar a assistência humanitária, a UNITAF, ou Operation Restore Hope

**1993-** No seguimento de uma operação de apreensão de armamento, 24 militares paquistaneses das Nações Unidas sofrem uma emboscada e são massacrados. O General Aideed é acusado de ser o responsável por estas mortes

**1993** – Depois de vários meses de perseguição ao General Aideed, os americanos promovem uma ofensiva em Mogadíscio, onde não conseguem capturar o senhor da guerra. O resultado foi a morte de centenas de somalis e de 18 militares americanos, sendo que alguns destes acabaram arrastados nas ruas de Mogadíscio. O episódio ficou conhecido como Black Hawk Down e chocou a opinião pública americana

**1998-** Milícias leais à UTI tomam o controlo de Mogadíscio e de algumas regiões no sul do país, derrotando os senhores da guerra

**DEZ06** – A Etiópia decide invadir a Somália, derrotando a UTI, mas provocando o desenvolvimento da Al Shabaab enquanto força autónoma, que inicia uma campanha violenta contra as forças etíopes no território.

**MAR07** – A AMISOM entra em Mogadíscio, passando também ela a ser um alvo preferencial para a Al Shabaab.

**ABR08** – Um ataque aéreo americano provoca a morte do líder da Al Shabaab, Aden Hashi Ayro

**SET09** – A Al Shabaab, que continua a sua intensa e violenta campanha de luta contra as forças do TFG e da AMISOM, proclama a sua aliança com a Al Qaeda, numa altura em que já controla largas parcelas do território do país.

**OUT09** – Depois de derrotar o Hizbul al Islam no sul do país, a Al Shabaab passa a controlar o porto de Kismayo, que passa a operar como uma importante fonte de financiamento do grupo.

Fonte: Pereira (2013)

### 4.3 Al-Shabaab de Cabo Delgado ou Al-Sunnah

O grupo que semeia terror no norte de Moçambique tem várias denominações. Para uns trata-se indubitavelmente de terroristas do ISIS e Daesh (NUNES, 2020); Para outros trata-se de um grupo que através do Islão e do terror pretende desestabilizar a região rica em gás natural (MOSCA, 2020).

No contexto do debate sobre a identidade do grupo Chichava (2020b) apresenta (4) quatro versões apresentadas pelo governo de Moçambique sobre a identidade e objectivos do “Al Shabaab”, sendo elas: (i) Indivíduos com objectivo de instalar um Estado Islâmico; (ii) Antigos garimpeiros das minas de Rubi em Montepuez<sup>8</sup>; (iii) Grupo de empresários Moçambicanos residentes na Beira e (iv) Forças externas. Entretanto Chichava (2020b) esclarece:

Evidências no terreno mostram claramente que o país está perante a presença de um grupo radical islâmico, que pretende impor a Sharia. Como apresentado ao longo do texto, trata-se também de uma tese inicialmente avançada pelo governo e que por razões pouco claras foi “abandonada”. Contudo, os recentes ataques à Mocímboa da Praia e Quissanga a 23 e 24 de Março de 2020, onde a reivindicação de um Islão radical está bem patente, deixa poucas dúvidas da ligação entre o “Al Shabaab” e o Esta-do Islâmico, o que deita por terra a tese de que se trata de atacantes “sem rosto” nem “mensagem”. Igualmente, no que mostra a complexidade e evolução do “Al Shabaab”, há sinais de que este grupo se teria beneficiado da expulsão violenta dos garimpeiros de Montepuez, que a ele teriam aderido (Chichava 2020b:20).

O grupo é denominado por Al-Shabaab não só pelas comunidades locais mas também pelos seus próprios membro. Passou a se tornar publicamente conhecido e chamando atenção para a Mídia com o ataque bem-sucedido a 05 de Outubro de 2017 na Mocímboa da Praia província de Cabo Delgado norte de Moçambique. No dia seguinte ao ataque, estavam em todas as manchetes do país. A resposta dada pelo governo na altura, foi de que se tratava de um grupo

---

<sup>8</sup> Segundo o governo (citando Chichava, 2020b) tais garimpeiros ilegais, oriundos da região dos grandes lagos e locais, estariam revoltados por terem sido expulsos das minas para implantação de empresas licenciadas, por isso estariam revoltados e usam a violência armada para mostrar o seu desagrado.

de “insurgentes locais” misturados com alguns estrangeiros oriundos da região dos grandes lagos.<sup>9</sup>

Alguns dias depois surge num vídeo amplamente compartilhado nas redes sociais onde mostrava homens empunhando AK-47, Facões, Bazucas, Metralhadoras e Fuzis de assalto, vestindo trajes que lembram os dos movimentos islâmicos radicalizados. Um homem (não identificado na altura) reivindicava a autoria do ataque do dia 5 de Outubro fazendo um convite a mais jovens para que adiram ao movimento. Dessa forma ficava publicamente conhecido o “Al-Shabaab da Mocímboa da Praia” ou ainda “insurgentes de Cabo Delgado” ou mais tarde como Al-Sunnah.

#### **4.3.1 Quem são e de onde se originam os “insurgentes” de Cabo Delgado?**

A versão oficial (do governo) orbita entre três possibilidades apresentadas por Chichava (2020a)<sup>10</sup>. O investigador afirma que de acordo com as autoridades moçambicanas, os garimpeiros locais estariam a ser manipulados por “estrangeiros” oriundos da Tanzânia e República Democrática do Congo (RDC), estes que já tinham sido expulsos das minas de rubi onde faziam exploração clandestina” a expulsão gerou descontentamento e a criação do caos na região destina-se a criar distração enquanto estes continuam a fazer exploração ilegal de recursos naturais em Cabo Delgado.

E o facto da província ser maioritariamente muçulmana, o governo alega que o grupo não encontrou dificuldade em usar a desculpa do suposto terrorismo baseado na religião islâmica com vista a opor esta religião ao Estado.

Outra versão do governo de Moçambique apresentado por Chichava (2020a), é a de que alguns empresários moçambicanos residentes na cidade da Beira, região centro do país, descontentes

---

<sup>9</sup> A resposta pública aos questionamentos dos jornalistas foram dadas pelos dirigentes com um tom insignificância.

<sup>10</sup>O pesquisador Sérgio Chichava, apresenta algumas respostas num artigo de 2020: Quem é o “Inimigo” Que Ataca Cabo Delgado? Breve Apresentação das Hipóteses do Governo Moçambicano. IDEIAS Boletim N° 127 . IESE. Maputo. Disponível em WWW.IESE.COM

com o combate feito pelo Estado ao tráfico ilegal da madeira estariam a financiar os “insurgentes”.

Uma última versão das autoridades apresentada por Chichava (2020a) é a suspeita da famosa “Teoria da Mão-Externa” lançada publicamente pelo PR Filipe Nyusi com a situação quase a sair fora do controlo do governo, Chichava afirma:

(...) o presidente Nyusi foi muito mais contundente, ao dizer a 25 de Setembro de 2019, data que em Moçambique se celebra mais um aniversário do início da luta armada contra o colonialismo português, que “estava mais do que claro que o país estava a ser vítima de uma invasão camuflada; de inimigos do nosso desenvolvimento” (STV, 2019c). Na altura, o presidente Nyusi não forneceu detalhes, mas iria fazê-lo na reunião de Conselho de Ministros, especialmente realizada em Pemba, em Fevereiro de 2020. Nesta ocasião, Nyusi disse que os “estrangeiros”, que moviam a guerra contra Moçambique, eram pessoas “com dinheiro” e que o usavam para aliciar moçambicanos (...) (CHICHAVA 2020: 2)

Entretanto, nenhuma dessas três versões oficiais (do governo) foram confirmadas até então, muito menos rejeitadas, mas o que se sabe sobre o grupo e que foi possível confirmar são: que suas acções correspondem ao fundamentalismo religioso de combate à influência ocidental e de implantação radical da lei islâmica a sharia e o combate aos inimigos do Islão (HABIBE, FORQUILHA E SAIDE 2019:1).

O grupo de Mocímboa da Praia (Al-Shabaab Moçambicano) tem ligações com as redes do *Harakat Al-Shabaab al-Mujahdeen*, ou somente Al Shabaab, que é um grupo *jihadista* de origem somaliana que opera na Somália e no Quênia (HABIBE, FORQUILHA E SAIDE 2019:2).

Segundo os autores supracitados as lideranças religiosas islâmicas locais deram a conhecer que inicialmente, o grupo era conhecido pela designação *Ahlu Sunnah Wal-Jamâa*, o que significa, traduzido do árabe, “**adeptos da tradição profética e da congregação**”.

No início os integrantes do grupo eram maioritariamente jovens de Mocímboa da Praia, e os seus líderes tinham ligações com círculos religiosos e militares de células de grupos fundamentalistas islâmicos da Tanzânia, Quênia, Somália e região dos Grandes Lagos. Alguns elementos do grupo tinham ligações indirectas com líderes espirituais da Arábia Saudita, Líbia, Sudão e Argélia (HABIBE, FORQUILHA E PEREIRA 2019: 2).

Os autores argumentam que esses contactos ou ligações eram essencialmente através de vídeos ou de pessoas que tinham estudado nesses países graças a bolsas de estudos financiadas por homens de negócios locais e estrangeiros (particularmente madeireiros e garimpeiros ilegais) provenientes da Tanzânia, Somália e da região dos Grandes Lagos.

A semelhança de outros movimentos terroristas em outras partes de África em que na sua fase embrionária, são seitas fundamentalistas dentro do Islão e gradativamente evoluem por quaisquer que sejam as razões, até a fase mais violenta. O Al-Shabaab Moçambicano começou também como uma seita dentro do Islão praticado pelas comunidades no norte do país, concretamente na província de Cabo Delgado.

A semelhança do Boko Haram, alguns professores dos jovens que integravam o grupo também tinham sido formados no estrangeiro particularmente nas monarquias do Golfo Pérsico onde estiveram em contacto com círculos fundamentalistas.

Habibe, Forquilha e Pereira (2019:4) afirmam que para se diferenciar de outros crentes muçulmanos os elementos do grupo dos Al-Shabaab de Mocímboa da Praia procuraram construir uma identidade própria com algumas características particulares:

(...) usavam uma indumentária própria, com destaque para turbantes brancos, amarrados à volta da cabeça; envergavam batas e calças curtas de cor preta, que se estendiam um pouco abaixo dos joelhos; a maior parte deles tinha cabelos rapados e barba grande; não levavam os seus filhos às escolas formais, simplesmente às escolas corânicas (madrassas) por eles construídas; sempre andavam munidos de armas brancas (como facas e catanas) para simbolizar a *jihad*; incitavam à violência e desrespeito pelas lideranças comunitárias, particularmente os Álimos, a quem chamavam “káfir”(..).

A presença do grupo remonta os finais de 2015, Chichava (2020b) afirma que várias reportagens publicadas nos jornais Notícias e Domingo indicavam que na localidade Pangane, distrito costeiro de Macomia, “líderes religiosos muçulmanos<sup>11</sup>” locais estavam a proibir a venda e o consumo de álcool, argumentando que seria contra os princípios da religião muçulmana, e que seriam a principal causa de desvio comportamental dos jovens nesta região.

---

<sup>11</sup>Chichava, afirma que na verdade se tratava de momentos iniciais do Al-Shabaab em Moçambique.

Esta atitude condiz bem com a postura do grupo, uma vez que no princípio as suas acções consistiam em espalhar a sua ideologia antes de partir para uma fase mais violenta. Aliás, essa postura de mensageiros da paz e da verdade caracteriza-se por ser momentos iniciais dos grupos terroristas da 4ª vaga. Que se apresentam como restauradores da doutrina correta e que os “crentes” não se devem misturar com as coisas impura, ao longo do tempo o discurso vai ganhando um tom mais agressivo até resultar em violência.

As reportagens da época, indica Chichava (2020a), relataram que esses “líderes religiosos” recolheram à força e destruíram todas bebidas alcoólicas encontradas nos estabelecimentos comerciais locais, numa acção que teve apoio de uma parte da população local.

A fase seguinte foi marcado pela confrontação entre os elementos do grupo e as lideranças religiosas locais, seguido de confrontos violentos com a polícia local que culminou com a morte de um agente, ferimento de 2 civis e fuga da população para as matas e ilhas circunvizinhas. (CHICHAVA 2020b: 1).

Semelhante ao que ocorreu com o Boko Haram em 2009 quando Mohammed Ali e os seus seguidores confrontaram-se com a Polícia próximo de Madaugiri, a confrontação dos elementos que mais tarde viria a ser o Al-Shabaab de Moçambique, levou a expulsão dos membros do grupo, argumentam

Na sequência dessa confrontação, o grupo foi expulso das mesquitas locais e começou reunir-se num edifício inacabado, transformado em mesquita, que recebeu o nome de Masjid Mussa. A transformação deste edifício numa mesquita contou com a contribuição monetária e mão-de-obra dos membros do grupo. Além disso, o grupo reunia-se também no quintal de um dos seus membros, conhecido por Mussa Sabão.

#### **4.3.3 Recrutamento e razões para os jovens se aliarem ao grupo**

Numa fase inicial muitos dos recrutas juntam-se ao grupo sob promessas de pagamento de valores monetários, emprego e, em alguns casos, bolsas de estudo no estrangeiro, crê-se que o Al-Shabaab de Mocímboa da Praia tinha montado uma rede diversificada de recrutamento constituída por laços de casamentos, redes informais de amigos, madrassas, mesquitas, negócios nos mercados informais e algumas associações informais de base comunitária de

jovens muçulmanos. Na verdade o Al-Shabaab de Moçambique actua nos moldes da sua homónima da Somália (HABIBE FORQUILHA E PEREIRA, 2019).

Entretanto, ainda não se tem informações de um recrutamento por coação, ou conversão forçada dos indivíduos aprisionados durante as suas ofensivas iguais ao que Boko Haram faz em territórios conquistados ou com as vítimas dos seus sequestros.

#### **4.3.4 Ideologia**

Afirma-se que as mensagens de Aboud Rogo passadas nos seus vídeos constituem a base ideológica do grupo, uma vez que nos seus discursos Aboud Rogo usa a “teoria do *complot*”, convencendo os mais novos de que vivem num mundo corrupto, rodeados de pessoas que lhes mentem constantemente e levando-os a desconfiar de tudo e de todos fazendo-os sentir-se “especiais”. Habibe Forquilha e Pereira (2019) argumentam que os extremistas violentos aproveitam o facto de os jovens encontrarem-se num período em que questionam a vida e a própria identidade para os convencer de que são “seres superiores”.

O que sentem – dizem-lhes – é um “apelo divino” para ajudarem a criar um mundo melhor. Com discursos deste tipo, os Al-Shabaab conseguiram que jovens de Mocímboa da Praia e do norte de Moçambique comesçassem a isolar-se do mundo em que viviam e a aderir ao grupo. Os pais e *Álimos* das mesquitas e a escola perderam autoridade sobre esses jovens, pois passaram a ser vistos pelos recrutas como “impuros”, transmissores de uma mensagem que alimenta a mediocridade. (HABIBE, FORQUILHA E PEREIRA 2019: 20)

Com base nessas mensagens em pouco tempo o grupo dos Al-Shabaab conheceu um relativo crescimento em Mocímboa da Praia o que permitiu que passassem de um pequeno grupo nas mesquitas locais de mais ou menos 50 indivíduos para uma “força armada” de cerca de 300 pessoas, de acordo com fontes locais. Tendo a capacidade para atacar o Estado e semear pânico nas comunidades locais forçando o Governo central a enviar tropas para o terreno com vista a combatê-lo.

#### **4.3.5 Financiamento**

De acordo com Habibe, Forquilha e Pereira (2019) o dinheiro usado no financiamento das actividades do grupo do Al-Shabaab vinha (vem) essencialmente de duas fontes: a) economia

local ilícita; b) doações. As doações vinham (vem) de pessoas com ligações às lideranças do grupo em Mocímboa da Praia.

As transferências dos valores monetários eram (são) feitas via eletrónica: Mpesa, Mkesh, Mmola. Das duas fontes mencionadas, a primeira (economia ilícita) era a que movimentava avultadas somas de dinheiro para financiar o grupo dos Al-Shabaab. Com efeito, à semelhança do que acontece em outros países que enfrentam o extremismo violento, o financiamento do grupo dos Al-Shabaab em Mocímboa da Praia e distritos circunvizinhos (pelo menos nos momentos iniciais) estava muito ligado a uma economia local ilícita, com ligações a redes clandestinas de tráfico de madeira, carvão vegetal, rubis, marfim, entre outros produtos. Nas linhas a seguir, trazemos alguns exemplos dos produtos traficados. (HABIBE, FORQUILHA E PEREIRA 2019: 30)

#### **4.3.5 Objectivos e Reivindicações**

No início, o grupo do Al-Shabaab era acima de tudo, uma organização religiosa não militarizada. Gradualmente tal como Boko haram o grupo foi-se militarizando sem no entanto ter uma elaboração teológica sofisticada nem uma ideologia claramente definida apesar de reclamar a prática de um Islão fundamentalista. Todavia, Habibe Forquilha e Pereira (2019) consideram importante a menção de que o grupo tinha uma forte propaganda que se estruturava em torno de uma oposição explícita por um lado, às políticas do Governo e, por outro, às lideranças islâmicas locais.

Os objectivos e as reivindicações do grupo aos poucos vão ficando mais conhecidos, a quando do seu primeiro vídeo em 2017 o grupo dizia ter como inimigo o Estado e todas as instituições Políticas e Religiosas por eles considerados corrompidas e que a *jihad* levada a cabo por eles visava eliminá-las e em sua substituição implantar a teocracia centrada no Islão e na Sharia. Tal como argumenta Chichava (2020a:2) :

Evidências no terreno mostram claramente que o país está perante a presença de um grupo radical islâmico, que pretende impor a Sharia. Como apresentado ao longo do texto, trata-se também de uma tese inicialmente avançada pelo governo e que por razões pouco claras foi “abandonada”. Contudo, os recentes ataques à Mocímboa da Praia e Quissanga a 23 e 24 de Março de 2020, onde a reivindicação de um Islão radical está bem patente, deixa poucas dúvidas da ligação entre o “Al Shabaab” e o Estado Islâmico, o que deita por terra a tese de que se trata de atacantes “sem rosto” nem “mensagem”.

#### **4.3.6 Modus Operandi**

Surpreendentemente o Al-Shabaab Moçambicano, excepuando os ataques armados dirigidos a população civil e a esquadras de polícia utilizando armas de fogo e catanas. Não há registo de nenhum ataque bombista em Moçambique semelhante a que o Boko Haram, Al-Shabaab da Somália, Al-Qaeda, ISIS vem historicamente fazendo. Relatos afirmam que o grupo ataca pela madrugada queimam as casas das vilas, pilham os despojo, fazem prisioneiro e fogem se embrenhando na mata densa. Um método característico a do Boko Haram.

#### **4.3.7 Ligações com outros Grupos terroristas**

Diferente de outros grupos terroristas em que a sua ligação com um outro grupo terrorista é confirmada por exemplo o Boko Haram que tem ligações confirmadas com a Al-Qaeda do Magrebe Islâmico ou do Al-Shabaab Somaliano que tem ligações confirmadas com o ISIS, o Al-Shabaab Moçambicano ainda não se possuem provas irrefutáveis que estes tenham alguma ligação com um desses grupos, a não ser a aproximação ideológica e método de combate que é compartilhado entre todos os grupos extremistas islâmicos.

Entretanto o que se pode observar é que o Al-Shabaab Moçambicano partilha fortes características semelhantes com o Boko Haram do que com a sua homónima da Somália. Estas características incluem o processo embrionário e gestativo do grupo até a fase mais violenta a região em que estes dois grupos actuam são de maioria muçulmana, um antecedente regional, contextual, social e político semelhante.

Apesar do grupo mostrar-se ser leal ao ISIS e este elogiar as acções do grupo, existem poucas evidências que indiquem de facto uma ligação com outros grupos, senão algumas alegações de que a violência em Cabo Delgado estar ligada ao plano do ISIS de incorporar Moçambique no ISCAP. Tal alegação indica que existe uma possibilidade que a violência vivida em Cabo Delgado possa ser encarado como perpetrados por um grupo que seriam os executores de uma acção armada *jihadista* em Cabo Delgado que constituiria o primeiro passo de uma incorporação de Cabo Delgado numa ISCAP dominada por islamistas.

Santos (2020) considera muito vago essa possibilidade, o pesquisado apoiado de outras pesquisas feitas acredita que o facto de os rebeldes terem empunhado a bandeira do ISIS em ataques a vilas de Cabo Delgado e de o ISIS ter reivindicado os ataques no prazo de 24 horas

seriam indicadores da probabilidade deste cenário, porém, há dúvidas quanto ao programa político dos insurgentes quanto à origem das suas armas e mantimentos e quanto ao seu local de treino. Também seria necessário explicar como é que os insurgentes dos primeiros momentos da ofensiva islamista de finais de 2017 se transformaram numa força de combate bem organizada e bem equipada que conhece bem o terreno em Cabo Delgado.

#### **4.3.8 Formas Usadas para Combater o Al-Shabaab Moçambicano**

Tentativas iniciais de combater os “insurgentes” enviando mais efectivo policial falhou redundantemente, esta foi seguida do envio do exército regular que até então se encontram nas zonas mais afectadas mas não tem obtido êxitos satisfatórios, o mais irónico é que quando as autoridades afirmam estarem a esmagar o grupo, ataques mais ousados como o descrito por Chichava (2020a, p. 2) o da Mocímboa da Praia e Quissanga a 23 e 24 de Março de 2020, onde a reivindicação de um Islão radical está bem patente.

A falha em combater o grupo é apontada por Habibe, Forquilha e Pereira (2019) como o baixo moral das tropas regulares:

(...) moral das tropas das Forças de Defesa e Segurança (FDS) parece baixo, especialmente nas unidades regulares do exército. O cansaço causado pelos ataques armados do grupo dos Al-Shabaab, os problemas logísticos e a sensação de que o Governo está a tratar os soldados de maneira injusta, especialmente no que diz respeito à alimentação e tempo de permanência no terreno, estão a causar frustração no seio das Forças de Defesa e Segurança (FDS). Os soldados estão irritados porque não têm comida suficiente e nem assistência médica. Muitos deles em Mocímboa da Praia, Macomia e Palma têm a impressão de que os seus produtos alimentares estão a ser desviados. Com efeito, alguns soldados acusaram altos oficiais de apropriação indevida de seus alimentos e bónus. (HABIBE, FORQUILHA E PEREIRA 2019:20)

As formas de combater o grupo tem-se mostrado relativamente ineficaz, porque negligenciam-se as motivações sociais, económicas, políticas ou mesmo religiosas que as pessoas eventualmente possam apresentar para se engajar em grupos de extremismo violento como o Al-Shabaab, há também um outro conjunto de motivações, nomeadamente fantasias pessoais, a busca de aventura, de camaradagem, de propósito de vida, de identidade. (HABIBE, FORQUILHA E PEREIRA 2019:21).

## 5. COMPARAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS TERRORISTAS

Nesta secção serão apresentadas as semelhanças compartilhadas e as diferenças entre os três Movimentos mesmo que estes já tenham sido apresentados quando se falava de cada uma deles todavia, aqui serão apresentados de modo sistemático para facilitar a compreensão.

Os três grupos partilham a mesma **ideologia** baseada no extremismo religioso do fundamentalismo Islâmico, estudos apontam para “Wahabbismo” dentro do Islão Sunita como sendo a marca que caracteriza a ideologia dos três grupos.

Os **Objectivo** dos três grupos se assemelham. Os três almejam a implantação de um estado islâmico ou um califado nos territórios em que os mesmos reivindicam

**Formas de Luta-** os três grupos utilizam a técnica de guerrilha para levar a cabo suas incursões, atacando preferencialmente vilas desprotegidas e pilhando os seus despojos, fazendo prisioneiros, atacam igualmente guarnições militares fracas e postos policiais de onde tiram os seus armamentos; exceptuano o caso do grupo que opera em Moçambique, os outros dois utilizam ataques bombistas suicidas, ataques em lugares públicos a luz do dia, ataques a igrejas e instituições de ensino convencionais.

Quanto ao **Financiamento** os três grupos possuem como fontes primárias de financiamento as actividades ilícitas como o contrabando de recursos naturais (pedras preciosas, madeira, marfim de elefantes, carvão vegetal) bem como o tráfico de drogas e de armas. Com excepção do caso Moçambicano que ainda não há registro, os grupos também utilizam o sequestro e cobrança pelo resgate, cobrança do pedágio e de taxas de protecção é comum no grupo que opera na Somália e na Nigéria.

O grupo somaliano se beneficia igualmente do dinheiro da dispora que envia em forma de remessas aos familiares ou directamente ao grupo, enquanto o grupo Moçambicano beneficia do comercio licito (informal) e apoio de grupos e empresários.

**Recrutamento e afiliações-** os três grupos possuem uma mesma forma de recrutamento através de convite aos jovens para se juntarem a uma *jihad*, atractivos financeiros, promessas de salários e dinheiro, ou a conversão forçosa dos prisioneiros de guerra (esta última ainda é discutível para o caso moçambicano

**Ligações com outros grupos-** exceptuando Moçambique os outros dois casos tem ligações comprovadas com outros grupos terroristas actuante em outras partes do mundo. Embora a ONU (2020) indique que “segundo vários estados-membros o ISIL (Estado Islâmico no Iraque e Levante) em Puntland funciona agora como centro de comando das ramificações do ISIL na República Democrática do Congo e em Moçambique e tem a seu cargo redes avulsas de apoiantes destas ramificações” (Conselho de Segurança das Nações Unidas, 2020: 5/17).

### 1-Tabela de comparação através do Método da semelhança (MSSD):

Elementos / Grupo Terrorista	Causas/Pré-condições	Motivação ou precipitantes	Origem	Ideologia e Liderança	Formas de actuação
<b>Boko Haram/ Nigéria</b>  <b>O resultado observado é o terrorismo</b>	Diferenças entre os estados do norte e do sul.  Divisões étnicas e religiosas profundas (predomínio e influência da etnia Kanuri e islamica no seio do grupo)  Um passado de golpes de estado Ditaduras Militares e Guerra civil mal resolvida  Falta de eleições Regulares	Repressão das forças de segurança do Estado.  Desemprego  Pobreza extrema  Corrupção exacerbada	A partir da pregação de Mohammed Ali, e mais tarde de Youssuf no estado de Yobe.	Liderança que mescla uma liderança religiosa e militar.  Fortemente centralizada e apoiada na figura do líder Abubakar Shekau	Sequestros, extorsão, ataques bombistas  Guerras de guerrilhas  Envolvimento de outras gangues criminosas  Pilhagem, assaltos a bancos, etc
<b>Al-Shabaab da Somália</b>  <b>O resultado observado é o Terrorismo</b>	Ditadura prolongada que resultou em guerra civil  Invasão estrangeira, criando ressentimento e magoas  Golpes de Estado e senhores de guerra ligados aos Clãs  Falta de eleições regulares	O fim de uma instituição religiosa e política que dava amparo as suas ambições	No seio da ala juvenil da União dos Tribunais Islâmicos, UTI era responsável por manter acalmados os jovens.	Lideranças dos senhores da guerra baseados em clãs.	Ataques a embaixadas estrangeiras, guerra aberta, ataques a instituições públicas e comerciais.
<b>Al-Sunnah ou Shabaab de Moçambique</b>  <b>O resultado observado é um terrorismo “atípico” uma guerra para usurpar os recursos</b>	Eleições Contestadas  Regime Autoritário  Animosidades entre e-makuas e makondes.  Região rica em recursos	Religiosa  Repressão policial  Desemprego	Pregação de Aboud rogo recém-chegados dos estudos religiosos na zona da Mocímboa da praia e Macomia	Desde a criação não há exatidão de quem comanda de facto o grupo.  Acredita-se que existam mais de uma célula activa em CD e cada com seu líder	Ataques surpresas, evitando sempre um confronto aberto e directo com as FDS.  Abandonam o local e posição conquistada sem ser expulsos ou oferecer alguma resistência
<b>Variável explicativa</b>	Recursos Naturais, um corredor de actividades ilícitas e interesses sobreposto.				
<b>Resultado observado</b>	Terrorismo Atípico				

Fonte: Elaboração do autor

## 2-Tabela de comparação de países

<b>País</b> <b>Variável</b>	<b>Nigéria / Boko Haram</b>	<b>Somália Al-Shabaab</b>	<b>Moçambique/ Al-Shabaab</b>
<b>Economia/PIB</b>	Baixo	Muito baixo	Baixo
<b>Geografia/conflitos étnicos e religioso</b>	Muito presente na política nigeriana.  Os muçulmanos dominam a política e os cristãos dominam a economia.	Ausente, pois a grande maioria é Somali e muçulmana, principalmente o grupo. Mas os somalis se ressentem do território “usurpado” pelos Etíopes	Animosidades entre as etnias muito presente na política, no norte especialmente ainda que em estado latente, verifica-se entre os macuas, muanis e os macondes e esses em relação ao sul tidos como “ma-changanas”
<b>Distribuição da riqueza em termos geográficos</b>	Desigual- a região sul (cristã) mais desenvolvida economicamente do que a Região Norte (Islâmica).  O petróleo que durante anos foi e ainda é a principal renda do país está concentrado nas mãos de uma pequena elite com predomínio Cristão.	Considerado um estado falhado, o padrão de distribuição de riqueza, é de grande pobreza generalizada.  O país não possui reservas importantes de Recursos naturais.  A pirataria sustenta grande parte dos senhores de guerra	As regiões com algum grau de desenvolvimento são os centros urbanos, sem grandes diferenças entre eles (exceptuando a Cidade de Maputo)  Tanto Muçulmanos como cristãos ligados ao poder político tem a sua disposição o acesso aos recursos
<b>Direitos Humanos antes e depois da erupção do terrorismo</b>	Antes- Baixo,  Depois- vem de muitas ditaduras, golpes, conflitos de secessão  Baixa cultura democrática	Antes Baixo,  Depois- Muito baixo, situação de penúria, extrema pobreza  Sem cultura democrática	Baixo, repressão policial, falta de canais para expressar a sua liberdade expressão  Baixa cultura democrática.
<b>Crença na Democracia</b>	Em 60 anos de independência cerca de 7 golpes de estado, meia dúzia de eleições, e apenas uma que é vista como justas e livres a de 2015. Mandatos prolongados oito (8) anos	Ausência de eleições	Eleições problemáticas. Violência Eleitoral, fraudes. Mandatos de cinco (5) anos e todos os três presidentes fizeram os dois (2) mandatos permitidos pela lei, abandonando o poder sem oferecer resistência.
<b>Região disputada/região sob domínio</b>	Toda Nigéria, mas a actuação predomina nos estados do norte	Toda a Somália	Região do Norte, concretamente na província de Cabo Delgado
<b>Coisas disputadas</b>	Controlo do poder político e renovação das instituições políticas e religiosas	O controlo do poder político e das instituições política e religiosa	Controlo de uma determinada região

Fonte: Elaboração do autor

## 6. CONCLUSÃO

Em termos característicos o Al-Shabaab de Moçambique partilha fortes semelhanças com a sua homónima da Somália e o Boko haram que actua na Nigéria, entretanto, o resultado observado indica alguma “atipicidade” entre o caso moçambicano e os restantes em estudo, principalmente, quando se trata das causas que dão origem e os objectivos declarados.

Semelhantemente ao Al-Shabaab da Somália e ao Boko haram da Nigéria o Al-Shabaab de Moçambique fundamenta as suas acções violentas na defesa, propagação e imposição da sharia, e na implantação de um Estado teocrático centrado no islão nos territórios reivindicados. Para este fim os grupos partilham de uma estreita visão do uso de qualquer meio disponível ainda que signifique perder e tirar vidas para alcançar o objectivo.

Partilham ainda a característica de serem violentos, ser composto por jovens na sua maioria desempregados e com baixo nível de escolaridade, jovens oriundos de famílias desfavorecidas, de zonas com poucas possibilidades de ascenderem socialmente, jovens com certo nível de frustração e insatisfação do sistema vigente e com forte desejo de o mudar.

Os três Movimentos terroristas gozam ainda de uma ampla base para recrutar mais membros através do apelo político e religioso. Entretanto, apenas o Boko Haram e o Al Shabaab da Somália tem a fama de usar a coação como outro meio de recrutamento.

Tal como Moçambique, Nigéria e Somália são países com baixo Índice de Desenvolvimento Humano e respeito pelos direitos humanos. Apesar da Nigéria possuir um dos maiores PIB's da África e ser uma das 30 economias no mundo, a sua distribuição da riqueza é desproporcional geograficamente e desigual entre Muçulmanos no Norte e cristãos no Sul e somam-se os problemas étnicos e religiosos muito mais agudizado em relação a outros casos.

Nesse quesito Moçambique se sai melhor, não tendo uma economia dependente por enquanto não muito dependente de apenas único comódite, a sua distribuição da riqueza (geograficamente) não possui grandes diferenças entre as regiões (Sul, Centro e Norte). O mesmo se assistia na Somália antes do Al-Shabaab destruir por completo o tecido social Somali. O sentimento de marginalização económica muito presente na Nigéria, animosidades étnicas, choques religioso, mágoas de guerras civis mal resolvidas na Somália e na Nigéria pairavam antes da eclosão do terrorismo e alguns desses elementos ainda estão presente.

Tratando de Moçambique não parece que a guerra civil ou que os acordos de paz tenham algum efeito directo sobre o grupo ou alguma mágoa resultante d'alguma derrota. Até porquê no mesmo período o governo travava de um outro conflito envolvendo a Renamo na região centro, resultante de “desacordos e descumprimentos” do Acordo de Paz de 1992.

No plano financeiro, observa-se que os três grupos possuem como fonte de financiamento as actividades ilícitas quais sejam: tráfico de pessoas, tráfico de estupefaciente e substância alucinógenas, roubo a bancos (especialidade do Boko Haram) sequestros, extorsão, pirataria (especialidade do Al-Shaabaab), etc.

Acredita-se que o que está por detrás dos ataques em Cabo Delgado seja a necessidade de controlar ou de desestabilizar um importante corredor para o tráfico humano, tráfico de drogas e de uma região rica em pedras preciosas e semipreciosas. E recentemente com a descoberta do gás natural e do investimento na exploração da grafite para produção de baterias de carros eléctricos pela Tesla (empresa de Elon Musk) só reforça a tese de maldição dos recursos humanos.

Sem desmerecer outros factores por detrás da violência que se assiste em Cabo Delgado a existência de recursos naquela região e da privilegiada localização, conjugada com a forma de actuação do grupo indica uma diferença das suas congéneres da Nigéria e Somália.

O Boko haram por exemplo, faz ataques a instituições cristãs como o sequestro das 214 raparigas de um internato cristão em Chibok, ataque bombista em uma igreja no estado de Kanu e Borno e tem alastrado as suas operações para as regiões centrais e mais a sul da Nigéria e tendo presença confirmada nos países a norte e oeste da Nigéria.

O Al-Shabaab da Somália fora dos ataques em toda a Somália, fez e faz ataques bombistas bem-sucedidos no Quênia, ataques no Uganda, ataques a embaixadas Ocidentais, raptos de ocidentais etc. comparativamente ao grupo que opera em Cabo Delgado estes parecem pouco “tímidos” e com fraca e lenta expansão.

O Al-Shabaab de Cabo Delgado com pouco mais de 5 anos, ainda não conseguiu se expandir, ou ir muito longe das fronteiras da província apesar de recentemente ter chegado a Niassa e Nampula são rechaçados de volta e não conseguem manter o território conquistado. Em parte deve-se a uma intervenção rápida do Estado ainda que inicialmente desconcertada tendo até

presença de Militares Russos e Mercenários Sul-Africanos. Ou então sugere-se que esse fracasso alastramento pode indicar que o grupo ambiciona ter apenas o controle de Cabo Delgado o que em última instância reforçaria a ideia da maldição dos recursos naturais.

Visualizando ainda essa característica específica do Al-Shabaab de Moçambique pode se esgrimir outros argumentos como o papel das eleições e da cultura democrática. Ou seja, ainda que não seja o melhor dos exemplos do continente comparativamente a Nigéria e Somália Moçambique estava bem posicionando no índice de democracia da revista *The Economist* em 2016, ou a da *Freedom House* no período antes do primeiro ataque.

Antes dos ataques de 2017 Moçambique estava um pouco acima da Nigéria e da Somália (em relação ao respeito dos Direitos Humanos, se encontrava numa faixa de menor risco do índice de Estados Falidos da *Foreign Policy* na última década.

A democracia, sobretudo as eleições locais, tem sido usadas pelo governo da Frelimo eficazmente na redução de tensões étnicas através da distribuição dos cargos públicos a todos os grupos étnicos sem olhar para o tamanho do grupo étnico pertencente. Por isso tendo poucas queixas de um governo trabalhista.

Assim o grupo encontra pouca aceitabilidade no seio da sociedade Moçambicana. Isto é, diferente da Somália em que o grupo ganhou grande aceitação ao afirmar lutar contra os invasores Etíopes, Quenianos e Americanos, ou como o Boko Haram que afirmou lutar contra a corrupção (problema crônico na Nigéria), contra influência ocidental vista (como uma influência degradante pelos estados mais a norte), o Al-Shabaab de Moçambique não conseguiu reunir elementos fortes o suficiente que atraísse a opinião pública para a sua causa.

Portanto, conclui-se que a privação relativa da teoria psicologia da Frustração- Agressão explica o terrorismo nos países estudados, e principalmente em Moçambique, onde diversos elementos o diferencia de outros casos. Ou seja, o terrorismo em Cabo Delgado resulta da privação relativa o que gera a Frustração-Agressão.

## 7. Referências

**Ali, A. M.** (s/d) *Al-Shabaab Al-Mujahidiin - Um Perfil da Primeira Organização Terrorista da Somália*. Disponível em . Consultado pela última em 22 de Dezembro de 2021.

**Ahmad A.** (2017). *Jihad & Co.: Black Markets and Islamist Power*. New York: Oxford University Press, 2017. 336p

**Blanchard, L. P.** (2013) *In Brief: The September 2013 Terrorist Attack in Kenya*. *Congressional Service Research*. Disponível em: <http://www.fas.org/sgp/crs/row/R43245.pdf> consultado pela última vez no dia 12 de Novembro de 2021.

**Bonate, L J.K.** (2009). *Transformations de l'islam à Pemba au Mozambique*. *Afrique Contemporaine* 231, no. 3 (2009): 61–76. Liazzat Bonate, “Why the Mozambican Government’s Alliance with the Islamic Council of Mozambique Might not End the Insurgency in Cabo Delgado.” *Zitamar*, Disponível em (<https://zitamar.com/mozambican-governments-alliance-islamic-council-mozambique-might-not-endinsurgency-cabo-delgado>).

**Bobbio, N.**(1998). *Dicionário de política I* Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11a ed., 1998. Vol. 1: 674 p. (total: 1.330 p.).

**Borges, J. V** (2006). *Terrorismo: razões da ausência de um conceito comum*. Disponível em: <http://www.idn.gov.pt> .

**Bolaji, K. A.** (2010). *Preventing Terrorism in West Africa: Good Governance or Collective Security?* *Journal of Sustainable Development in Africa*, 12(1), 207–22.

**Bonanate, L.** (1986). Terrorismo político. In: N. Bobbio, ed. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da UnB.

**Bourdieu, P.** (2002). *Campo político*. Paris

**Camará F. T.** (2017). *Guiné-Bissau: Sociedade Vulnerável abre portas para o extremismo Religioso*. DW.com. Disponível em: <https://www.goolgeserach/guiné-bissau.Sociedade Vulnerável abre portas para o extremismo Religioso. Bissau>

**Cardoso, T. & Rosa, C. Santos, M.** (2012). *A influência dos conflitos religiosos no cenário político e nas relações internacionais: conflitos religiosos na Nigéria entre islamismo e cristianismo na atualidade e as repercussões em suas relações políticas*. 2012. Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/wp-content/uploads/2013/04/PDF-E6-RI46>

**Chichava, S. I.** (2020a). Quem é o “Inimigo” que ataca Cabo Delgado? *Breve Apresentação das Hipóteses do Governo Moçambicano*. IDEIAS. Boletim nº127. IESE. Maputo

**Chichava, S. I.** (2020b). Os Primeiros Sinais do “Al Shabaab” em Cabo Delgado: *Algumas Histórias de Macomia e Ancuabe*. IDEIAS. Boletim nº129. IESE. Maputo

**Chothia, F.** (2015). Boko Haram: como os militantes nigerianos ficaram tão poderosos. Disponível: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150126\\_boko\\_analise\\_1](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150126_boko_analise_1)  
Consultado pela ultima vez em 11 de Dezembro 2020

**Cohen, C.** (2015). *Boko Haram e a Impossível Sociologia Política de um Grupo Armado*. *Afrique contemporaine* 2015/3 (no 255), p. 71-87 disponível em [https://www.cairn-int.info/articleE\\_AFCO\\_255\\_0075--\\_boko-haram-and-the-impossible-\\_political](https://www.cairn-int.info/articleE_AFCO_255_0075--_boko-haram-and-the-impossible-_political).

**Galito, M. S** (2015). *Boko Haram*. CI-CPRI, AI, N.º 21, pp. 1- 18.

**Galito M. S.**(2017) *Boko Haram – Os Talibans da Nigéria*. Working Paper CEsA CSG

**Garcia, F. P.**(2010). *Da Guerra e da Estratégia: A Nova Polemologia*, Lisboa, Prefácio

**Ganor, B.** (2002). *Defining Terrorism: Is One Man's Terrorist another Man's Freedom Fighter?* “Pág 287-304 Publicado online: 27 Oct 2010

**Gil, António C.** (2008) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª Edição. Editora Atlas. São Paulo.

**Gurr, T.** (2014). *Why Men Rebel*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

- Fonseca, J. J. S.** (2009). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. Apostila.
- Genoud, E. M.** (2021). *A Insurgência Jihadi em Moçambique*. Cadernos IESE nº 21p. IESE. Maputo
- Hall, P. & Taylor, R.** (2003). *Political science and the three new institutionalisms*. Political Studies, 44: 936 57.
- Hanlon, J** (2018a). *Islamist base shelled near Mocímboa*. MOZAMBIQUE News reports& clippings 398. [Online]. Disponível em: [tinyurl.com/sub-moz](http://tinyurl.com/sub-moz).
- Hanlon, J.** (2018b). *People allegedly attempting to join Islamic fundamentalists*. Mozambique News reports & clippings 400. [Online]. Disponível em: [tinyurl.com/sub-moz](http://tinyurl.com/sub-moz).
- Habibe S, Forquilha, S & Pereira, J.** (2019). Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: O Caso de Mocímboa da Praia. Cadernos IESE nº17/2019. IESE. Maputo
- International Crisis Group.** (2012). *Somalia: An Opportunity that should not be Missed*. Africa Briefing. Nairobi and Brussels.16. [http://www.ecoi.net/file\\_upload/2016\\_1330332640\\_b87-somalia-an-opportunity-thatshould-](http://www.ecoi.net/file_upload/2016_1330332640_b87-somalia-an-opportunity-thatshould-consultado%20em%207%20de%20Junho%20de%202021) consultado em 7 de Junho de 2021.
- Jenkins, M.** (1986). *Future Trends in International Terrorism*, em *National Security Management – International Issues and Perspectives*, coligido e com introdução de Eston P. White, National Defense University Washington D.C., 1986, pp. 255 a 263
- Lim, T. C.** (2016). *Doing Comparative politics: na introduction to approaches and issues*. 3ed
- Lind, P., Mutahi, P. & Oosterom, M.** (2015). *Laços emaranhados: Al-Shabaab e volatilidade política no Quênia*. Disponível em <https://www.ids.ac.uk/publications/tangled-ties-al-shabaab-and-political-volatility-in-kenya/> Consultado em Janeiro de 2022
- Martins, R. C.** (2010). *Acerca de “Terrorism e de Terrorismos”*. Consultado em 20 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.idn.gov.pt>

**Matsinhe, D. M, & E Valoi.** (2019). “*The Genesis of Insurgency in Northern Mozambique.*” *ISS Southern Africa Report*, no. 27: 22 pp. Disponível em <http://www.iis.sa>

**Mosca J.** (2020). *Cabo Delgado já vive ‘maldição dos recursos naturais’.*” *Deutsche Welle*, 3 de Janeiro de 2020. <https://www.dw.com/pt-002/jo%C3%A3o-mosca-cabo-delgado-j%C3%A1-vive-maldi%C3%A7%C3%A3o-dos-recursosnaturais/> consultado a 3 de Maio de 2020.

**North, D.** (1990). *Institutions, Institutional Change, and Economic Performance.* New York: Cambridge University Press.

**Nuvunga, A.**(2020). *A face oculta da guerra em Cabo Delgado.* Domingo, 19 de Julho de 2020 I Ano 02, n.º 35.

**Omoera O. S, & Ogah C. A.** (2016). *Boko Haram Como Agente Provocador de Desestabilização e Destruição na Nigéria: a Verificação da Mídia.* *Revista Brasileira de Estudos Africanos.* pag 68-87. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/rbea/article/view/5949>

**Østebø, T.** (2012). *Islamic Militancy in Africa.* *Africa Centre for Strategic Studies.* Security Brief No. 23. <https://doi.org/10.21236/ADA567188>

**Radu, M.** (2007). *The Futile Search for "Root Causes" of Terrorism.* Foreign Policy Research Institute.

**Rapoport, D. C.** (2004). *Four Waves of Modern Terrorism .* in Audrey Cronin and James Ludes (eds.) *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy.* 1s tediton. Georgetown University Press, Georgetown. 46 - 73.

**Rhodes, R; Binder, S. & Rockman, B.** (2006). *The Oxford Handbook Of Political Institutions.* Oxford University Press;

**Perreira A. C. A,** (2013). *Somália: Santuário Terrorista? O caso da Al-Shabaab.* IUL. Dissertação de mestrado em relações internacionais. Lisboa. Dissertação de mestrado. Disponível em <https://www.iul.pt>

**Paladini, R. T.** (2014). *A Nigéria e o Boko Haram. Série Conflitos Internacionais.* V.1 n.5

**Pham, J.** (2011). *Foreign Influences and Shifting Horizons: The Ongoing Evolution of al Qaeda in the Islamic Maghreb*. *Orbis*, Vol. 55, nr. 2, 2011, p. 240. Disponível em <https://www.fpri.org/docs/media/maghrib>.

**Ploch, L .** (2010). *Countering Terrorism in East Africa: The U.S. Response*. Congressional Research Service 7-5700. [www.crs.gov](http://www.crs.gov) .R41473

**Santos, F. A dos.** (2020). *War in Resource-Rich Northern Mozambique – Six Scenarios*. *CMI Insight 2* (2020): 18 pp versão portuguesa disponível em <https://www.cmi.org/docs>.

**Serrano, A .**(2019). *Why the Different Levels of Intervention?: Nigeria's Boko Haram and Somalia's al-Shabaab*, *OSR Journal of Student Research*: Vol. 5 , Article 352. Disponível em: <https://scholarworks.lib.csusb.edu/osr/vol5/iss1/352>

**Thakur, R .**(2006). *International Terrorism and the United Nations*. Shimane-Yamaguchi Global Seminar, 5–8 August 2006

**Vieira, J. G S.** (2010). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Fael Editora. Curitiba.

**Walker, A.** (2012). *What Is Boko Haram? Special Report 308*. Washington: United States Institute of Peace. Disponível em: <http://www.usip.org/sites/default/files/SR308.pdf> .

**Wardlaw, G.** (1982). *Political Terrorism: Theory, Tactics and Countermeasures*, (Cambridge University Press, 1982, pp. xii, 218)

**Watson, R. P.** (ed.) (2009). *The Politics and History of Terror*. Lansford, Tom *et al.* (eds.) *America's War on Terror*. 2nd Edition. Ashgate. Farnham and Burlington. 1 – 14.

**Wilkinson, P.** (1990). *Terrorist Targets and Tactics: New Risks to World Order*, Research Institute for the Study of Conflict and Terrorism, London, *Conflicts Studies*, nº236, Dezembro 1990, pp. 1 a 21.